

## O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL<sup>1</sup>

Taísa Magali Andrzejewski<sup>2</sup>  
Marta Estela Borgmann<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo tem como tema o ensino da educação física na educação especial. Seu objetivo geral foi investigar de que forma ocorre o ensino da educação física às pessoas com necessidades especiais em uma escola de Educação Especial, mais propriamente, na Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais (APAE) do município de Santa Rosa/RS. A intenção e realização desta pesquisa aconteceu, por perceber cada vez mais o alto índice de pessoas com necessidades especiais em nossa sociedade, principalmente nas escolas. Desta forma, se torna importante, como futura profissional da área da educação física, analisar de que maneira acontece o ensino da educação física enquanto componente curricular obrigatório, nas instituições de ensino especializado. Para esse estudo, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e empírica através de entrevistas ao coordenador pedagógico da instituição e ao professor de educação física. Assim, foi possível compreender o lugar que a educação física ocupa dentro da instituição, como seus objetivos, conteúdos, planejamentos e estruturação física.

**Palavras chave:** Aprendizagem; Educação física; pessoas com deficiência; Educação Especial.

### ABSTRACT

This study has as its theme the teaching of physical education in special education. Its general objective was to investigate the form of physics with special people, plus a special education school education, in the Association of Parents and Students of the Exceptional (APAE) of the municipality of special education education (RS). The intention and accomplishment of this research happened, for realizing more and more the high index of people with special needs in ours, mainly in the schools. In this way, it becomes important, as a future education in the physical area, education in the area becomes the mandatory curricular component in specialized education institutions. For this study, a bibliographic review, documentary and empirical research was developed through interviews with the pedagogical coordinator of the institution and the physical education teacher. Thus, it was possible to understand the place that physical education within the institution, as its objectives, contents, planning and physical structuring.

**Keywords:** Learning; PE; disabled people; Special education.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física/2021.

<sup>2</sup> Acadêmica de Educação Física do curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Ijuí/RS

<sup>3</sup> Doutora, professora dos cursos de Licenciatura da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Ijuí/RS

## 1 INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, cada vez mais, se torna visível o grande aumento de pessoas com necessidades especiais em nossa sociedade. O índice está crescendo, e se tornando bastante presente em nosso meio, principalmente em escolas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelo menos 45 milhões de brasileiros têm algum tipo de deficiência. Isso representa quase 25% da nossa população. O elevado número de pessoas com necessidades educativas especiais é uma questão multifatorial, ligada a questões sociais, culturais, econômicas, políticas, entre tantos outros fatores.

Como consequência, temos a busca por vagas nas escolas regulares e nas instituições especializadas. A demanda vem crescendo gradualmente, e a disputa por vagas nesse espaço também. Na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) aqui da nossa região de Santa Rosa, por exemplo, segundo dados da coordenadora geral da instituição, a capacidade financeira é de acolher aproximadamente cem pessoas, e atualmente encontram-se com duzentos e cinquenta e três pessoas sendo atendidas neste instituição espaço.

Segundo a Secretária de Educação Especial, a partir da nova política, os alunos considerados público-alvo da educação especial, são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Ao considerarmos a escola em seu âmbito geral, o cenário que desejamos e necessitamos ter para os alunos, está bem longe do ideal. Seja por questões de estrutura escolar como também por formação pedagógica. O processo de estruturação e formação desses profissionais que ali atuam, é muito mais complexo e lento, em relação à altíssima procura de espaço.

A educação física é componente curricular obrigatório dentro das escolas especializadas. Além de um leque de experiências que esta disciplina pode trazer, os alunos aprendem a se desenvolverem pessoalmente, socialmente e também em situações competitivas, criativas e desafiadoras. Portanto ela deve ser ofertada e adaptada conforme as necessidades específicas de cada aluno com deficiência, pois todos têm o direito de conhecer e experimentar conteúdos relacionados a área.

Buscou-se realizar esta pesquisa, por perceber a necessidade de ter conhecimento mais amplo da área da educação especial, bem como da área da educação física para educação especial/inclusiva relacionada também ao alto índice de pessoas com necessidades especiais presentes em nossa sociedade. Com isso, há a necessidade de entender de que forma a escola e seus professores trabalham para garantir o ensino e a aprendizagem destes alunos e quais os objetivos que esta instituição tem perante a área da educação física. Bem como, quais são os

conteúdos que o professor aborda, e também a efetivação do planejamento teórico-prático, e as condições que a escola oferece para desenvolver boas práticas de educação física.

Para este estudo, desenvolveu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa através de revisão bibliográfica, pesquisa documental e empírica com entrevistas ao coordenador pedagógico da instituição e ao professor de educação física para conhecer o lugar que a educação física ocupa dentro da instituição, como seus objetivos, conteúdos, planejamentos e estruturação física.

Em data marcada com a instituição APAE, realizou-se a observação dos documentos institucionais, assim como, a entrevista a Coordenadora Pedagógica e também ao professor de Educação Física. Foram diagnosticados e apresentados toda a estrutura escolar da instituição, tanto no que se refere à parte documental e física. O professor, se dispôs a responder o questionário, mostrar seus planejamentos, falando dos conteúdos e a estrutura que a escola oferece para as aulas. Na visita à instituição, fui muito bem acolhida pelos seus representantes.

## **2. A EDUCAÇÃO ESPECIAL E O CENÁRIO ATUAL**

Somos sujeitos que fazem parte de uma sociedade permeados por uma grande diversidade e diferenças. Somos iguais, porém cada um com sua diferença. E em meio a toda esta pluralidade que temos no mundo, encontramos como grupo significativo, as pessoas com algum tipo de deficiência e ou transtornos no seu desenvolvimento, quer seja de ordem física, intelectual, sensorial. Estes sujeitos são diagnosticados com alguma deficiência quando nascem ou em outros casos, acabam desenvolvendo alguma deficiência ao longo da sua vida.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

De acordo com o mesmo documento, consideram-se alunos com deficiência, aqueles que têm, impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que

em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade, entre outros.

Esses indivíduos ao serem diagnosticados com algum tipo de deficiência necessitam de atendimentos especializados, desta forma, a partir da grande necessidade de implementar instituições e clínicas especializadas, para cumprir com a demanda, foram criadas inúmeras oportunidades de ensino, dentre elas podemos destacar as APAEs - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, sendo estas, instituições que acolhem alunos com deficiência intelectual e/ou deficiências múltiplas.

Como também nos refere na Política Nacional de Educação Especial(2006)

o atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas”. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

Para isso é de total importância o sujeito poder usufruir e ter acesso aos atendimentos disponíveis e necessários para sua vida, enquanto constituição humana e social dentro da sociedade.

Conforme a Lei 13.146/2015 do Estatuto da Pessoa com Deficiência no Art. 84, a pessoa com deficiência tem assegurado o direito ao exercício de sua capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas.

A educação por sua vez, de forma geral, como um todo, é responsável pela socialização do indivíduo em sociedade. As possibilidades que a pessoa tem de se relacionar, conviver e se integrar a uma sociedade, também são frutos da educação. E o sujeito sempre representará a educação na sua maneira de lidar e conviver com os demais em sociedade.

Atualmente temos a lei 13.146/2015 que trata da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, e é considerada a Lei da Inclusão, em seu artigo 2 apresenta o conceito de deficiência

peessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, e que, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A criança ao ser diagnosticada com alguma necessidade especial, tem direito ao acesso à educação especializada. Que segundo o art. 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996; “ entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de Educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.”

Segundo a Política Nacional da Educação Especial, educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

Este sistema de ensino precisava ser criado para educar e dar assistência a alunos com necessidades educativas especiais. Mostrando a sociedade que tanto os excluía, que eles também existem e principalmente, que têm os mesmos direitos à igualdade de oportunidades.

Para garantir que estas pessoas com necessidades educativas especiais possam aprender, e ter uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva, existe a área da Educação Especial, como modalidade da educação Básica e as instituições de ensino especializadas que ajudam neste processo. Embora o estatuto apresente a escola regular como obrigatoriedade para todos, existe a necessidade de responder de forma individualizada às necessidades específicas de cada sujeito decorrentes da deficiência. Para tanto temos o atendimento educacional especializado que pode acontecer tanto nas escolas regulares como nas especializadas. Estas escolas têm por objetivo promover a educação a estes sujeitos, de forma que todos eles independentemente das suas limitações, tenham acesso a educação.

A educação por sua vez, de forma geral, como um todo, é responsável pela socialização do indivíduo em sociedade. As possibilidades que a pessoa tem de se relacionar, conviver e se integrar a uma sociedade, também são frutos da educação. E o sujeito sempre representará a educação na sua maneira de lidar e conviver com os demais em sociedade.

A educação especial, constitui uma proposta que objetiva resgatar valores sociais voltados com a igualdade de direitos e de oportunidades para todos. No entanto, para que esta inclusão se concretize, não é suficiente existirem leis que determinem a sua efetivação. (ROSSETO, 2006). Tudo isto, segundo mesmo autor, pressupõe grandes avanços e mudanças na sociedade como um todo, diminuindo com o preconceito, buscando analisar sobre quais seriam as condições necessárias à inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais na atual escola pública, através de pesquisas, dados confiáveis e precisos, que resultam na efetivação de uma Educação Especial séria e eficaz, comprometida com os sujeitos ali inseridos.

### **3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A Educação Física na escola busca o seu espaço não apenas como uma disciplina que visa apenas à prática esportiva, mas também como uma disciplina que tem como objetivo a formação do cidadão como um todo. (DRESCHE, D. 2017, p.11).

A formação do aluno deve estar voltada também, a criticidade. Onde o aluno deve ser competente no sentido de argumentar criticamente a cultura corporal do movimento. Independentemente de ter ou não uma deficiência este aspecto é fundamental, sendo de grande importância não somente em âmbito escolar mas também para toda a vida.

Baseado em Gorgatti e Costa (2005), a função da Educação Física na escola é educar para compreender e transformar a realidade que nos cerca, a partir de sua especificidade que é a cultura de movimento. E nós enquanto docentes, devemos oportunizar a todos os alunos que por nossas mãos passarem, o máximo de possibilidades que for possível. É necessário que os educandos tenham experiências, construam opiniões e possivelmente se identifiquem com alguma atividade dentro da área. Movimentar-se é uma grande fonte de terapia.

No ambiente escolar os alunos com deficiência também têm direito a educação física, disciplina esta, que faz parte da grade curricular da educação básica. Todos os alunos têm o direito e devem ter a oportunidade de vivenciar inúmeras possibilidades que existem dentro da educação física. E que sem sombra de dúvidas, contribuem de uma forma muito grande para o desenvolvimento motor, cognitivo e social destes sujeitos.

A educação física enquanto disciplina curricular, está englobada a outras disciplinas, que juntas formam uma área do conhecimento, denominada área das linguagens. Como nos traz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2015, a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. A finalidade desse agrupamento é possibilitar aos

estudantes a participação em práticas de linguagens diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.

Segundo a Base Nacional, a educação física dentro do âmbito escolar desenvolve oito dimensões do conhecimento, sendo a experimentação, o uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise e compreensão para a inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo.

De acordo com a BNCC, relacionando com o processo de inclusão destacamos algumas das competências específicas de educação física para o ensino fundamental que resgatam a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual, planejando e empregando estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.

Estas são algumas das competências que tem como propósito desenvolver a disciplina de educação física no ensino fundamental. Através de planejamentos, desenvolvidos para as aulas do componente, abordando diversos conteúdos.

#### **4 EDUCAÇÃO FÍSICA/ EDUCAÇÃO ESPECIAL**

A educação física componente curricular obrigatório na educação básica, estabelecida pela LDB no art. 26, tendo como proposta o ajuste às faixas etárias e às condições da população, sendo facultativa para os cursos noturnos das escolas. Com sérios riscos de extinguir o componente curricular da proposta pedagógica, é desenvolvida e aprovada a Lei nº 10.328 de 12 de dezembro de 2001, que complementa o artigo 26 da LDB. Agregando a palavra obrigatória à lei. Sendo assim estabelecida: “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Analisando e interpretando a lei vigente, é visto que a educação especial está contemplada quando traz a preocupação com todas as faixas etárias e às condições da população escolar, pois deste modo, os currículos precisam ser adaptados para também atender aos direitos dos alunos com necessidades educativas especiais.

Da mesma forma, a educação especial em se tratando de escolas especiais têm papel fundamental no desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos com deficiência no que diz respeito a oferta do atendimento educacional especializado contemplando as adaptações necessárias às especificidades dos alunos, tornando possível o reconhecimento de suas potencialidades através da educação física. Desse modo, o profissional de Educação Física, ao lidar com os alunos com deficiência, precisa ter clareza de suas propostas de trabalho e dos objetivos da área, a fim de saber estimular os alunos, considerando as características dos alunos nas dimensões cognitiva, afetiva e motora.

Levando em conta o que está na BNCC os currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da educação à realidade de cada educando, considerada a partir da autonomia das características de cada estudante.

Muitas são as decisões a serem tomadas no âmbito escolar, seja em, decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares, ou então, selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas para contemplar a inclusão de todos os sujeitos nas práticas pedagógicas.

Conforme a BNCC, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Assim, ao se tratar do ensino para a educação especial, há de se considerar muito mais aspectos, do que para a educação normal. Os alunos especiais, necessitam de mais fundamentos para que a aprendizagem realmente aconteça. E tudo isso demanda muito mais organização e amparo, tanto para planejamentos, teorias e práticas. São sujeitos que por apresentar uma deficiência apresentam necessidades específicas e que necessitam ser adaptadas e/ou flexibilizadas conforme sua própria deficiência.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para esse estudo, como descrito anteriormente, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo através de entrevistas ao coordenador pedagógico e ao professor de educação física de uma escola especial - APAE de Santa Rosa/RS. Foi feita uma visita à instituição, para observar os espaços, a estrutura, a dinâmica da Educação Física e

também a intenção de reunir dados e informações para formar uma base teórica/prática para qualificar ainda mais o estudo.

Após o primeiro contato com a diretora da instituição, fui encaminhada para a coordenadora pedagógica. Em sua sala, dialogamos de maneira muito produtiva. A docente apresentou toda a instituição, desde a estrutura física como também, materiais, professores e alunos. Disponibilizou o Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar e Plano de Estudos do Professor para que pudesse buscar as informações nestes documentos.

Em seguida, realizei a entrevista com o professor de Educação Física. A coleta de dados aconteceu na sala dos colaboradores. O professor demonstrou ser um grande profissional, inclusive muito admirado por seus alunos. O docente respondeu ao questionário de maneira muito tranquila e colaborativa, mostrando alguns de seus planejamentos e até mesmo os materiais disponíveis para as aulas na instituição. A instituição é privilegiada, em poder contar com três professores de educação física, sendo uma mulher e dois homens. A maioria dos profissionais que ali atuam, são cedidos por alguma prefeitura da região.

O entrevistado da nossa pesquisa foi um sujeito do sexo masculino. Natural da cidade de Santo Cristo, mas que hoje reside em Santa Rosa, atualmente encontra-se com cinquenta e um anos de idade, sendo que há vinte anos é professor na instituição. Docente muito bem renomado, formado no curso de educação física bacharelado e licenciatura e pós graduado em educação especial. Além de muitos outros cursos de formação que realizou dentro da área e também outros que a instituição ofereceu para aprimorar e desenvolver ainda mais seus profissionais.

Ao contar um pouco sobre sua história, o docente relatou que até seus vinte e sete anos foi jogador de futebol. Passou por vários países desse mundo até, acabar rompendo os ligamentos do seu joelho, consequência de sempre jogar em alto rendimento. A partir dali, outras portas se abriram e ele se convenceu de que se formar em Educação Física seria o caminho certo. Ainda em processo de formação, já desenvolvia trabalhos na instituição.

Atualmente a instituição atende alunos da educação infantil, dos zero aos seis anos de idade. Alunos do ciclo I, dos sete aos nove anos de idade. Alunos do ciclo II, dos dez aos onze anos de idade. Alunos do ciclo III, dos doze aos quinze anos de idade. E também alunos do EJA, dos quinze anos ou mais. O detalhe é que os alunos entram na escola e não tem um prazo final de saída. Se quiserem, eles têm o direito de continuar, ou seja, ficam sendo alunos da educação de jovens e adultos sem período para término.

O professor entrevistado é cedido pela Prefeitura Municipal de Santa Rosa, quarenta horas semanais. A carga horária das aulas semanais de educação física para os ciclos I, II e III,

é de duas horas/aula, sendo que cada hora corresponde a quarenta e cinco minutos. Já na modalidade EJA, os alunos desfrutam de apenas uma hora/aula de quarenta e cinco minutos semanalmente.

Para que as aulas aconteçam, é necessário a elaboração de um planejamento, relatou o docente. Todas as suas aulas são organizadas e planejadas porque, afinal de contas, ele tem propósitos para estas aulas e precisam ser efetivados. Para Vasconcellos (2006), o planejamento baseia-se na necessidade de modificação, pois planejar é antecipar mentalmente uma ação a fim de alcançá-la com êxito, sendo possível a mudança de planos por parte do educador.

Assim como em qualquer outra modalidade de ensino. É preciso elaborar suas atividades dentro da diversidade de conteúdos encontrada. E mesmo assim, com tudo planejado, acontecem imprevistos, que necessitam ser adaptados e remodelados para que tudo continue dando certo. Por isso se faz necessário, a construção de planejamentos para administrar as aulas, sujeito a possíveis mudanças.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, para a disciplina de Educação Física, as práticas corporais tematizadas deverão compor uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental, sendo elas: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura.

O educador busca abordar modalidades que condizem com as unidades temáticas sugeridas pelo currículo, entre elas podemos citar: voleibol, futsal, handebol, basquetebol, atletismo, natação, jogos e brincadeiras, circuitos, olimpíadas, enfim. Além de poder contar com a vasta diversidade de materiais disponíveis para as aulas como: esteira, bicicleta normal, bicicleta ergométrica, halteres, cama elástica, jump, vários tipos de bolas, cordas, cones, step, etc. O educador procura participar e desenvolver alguns eventos dentro e fora da escola. Ainda em conversa, o professor relatou que já conseguiu participar das olimpíadas estaduais com seus alunos, chegando à fase final. Assim como outros projetos de ciclismo e corrida de rua, desenvolvidos pela instituição.

Como nos traz a BNCC, no que condiz a Educação física, em princípio, todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino. Ainda assim, alguns critérios de progressão do conhecimento devem ser atendidos, tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de organização dos conhecimentos. Como relata o professor em diálogo, sempre busca oferecer e oportunizar vivências e conteúdos variados. Buscando adaptar as atividades e conteúdos o máximo possível ao contexto e aos alunos, para que de fato os educandos aprendam e interajam.

Assegurado pelo Art. 57, do Estatuto da Pessoa com Deficiência, no que condiz a acessibilidade, a escola oferece grande acessibilidade para seus alunos, especialmente nas aulas de educação física. O que acaba facilitando um pouco mais a transmissão de conhecimentos.

Para as aulas de Educação física, disponibiliza de uma quadra coberta, vasta variedade de materiais, sala para estudos, sala dos materiais e também, alguns tipos de materiais tecnológicos para auxiliar o professor nas aulas. Segundo o docente, tudo que for necessário para as aulas ele consegue solicitar a compra com a diretora. Outro fato bastante importante é que a escola recebe doações de materiais para a educação física, grande parte deles em boas condições. O que contribui bastante para o professor desenvolver suas aulas e também para o ensino dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo, teve como tema o ensino da educação física na educação especial, realizado na instituição APAE - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, de Santa Rosa. Este estudo se concretizou, a fim de buscar conhecer de que maneira é desenvolvido o ensino da educação física às pessoas com necessidades educativas especiais, visando entender como a escola e professores trabalham para garantir o ensino aprendizagem destes alunos. Buscou-se observar os conteúdos e planejamentos das aulas, assim como, a estrutura que a instituição oferece.

Ao realizar a visita na instituição, todos os documentos solicitados foram disponibilizados. Consultando os materiais documentalmente, foi possível verificar os objetivos da disciplina de educação física e também os objetivos e questões que norteiam a escola para com seus alunos especiais. Sendo visível o entrelaçamento dos propósitos entre elas. Possibilitando o desenvolvimento do potencial dos alunos. Buscando firmemente formar e capacitar cidadãos responsáveis, críticos, participativos, comprometidos, autônomos de si, além de direcioná-los sempre à qualidade de vida. Assim como, formar uma sociedade justa e solidária, promovendo a igualdade de direitos e oportunidades a todos eles.

Em entrevista com um dos professores de educação física da instituição, foi possível identificar os conteúdos que ele desenvolve em suas aulas. Através de diálogos ele relatou que tenta oportunizar o conhecimento aos seus alunos de uma forma bem diversificada dentro da disciplina. Busca sempre desenvolver atividades de voleibol, futsal, handebol, basquetebol, atletismo, natação, além de usufruir diferentes tipos de aparelhos disponíveis na escola como por exemplo, bicicleta ergométrica, bicicleta normal, esteira, jump, step, cama elástica, halteres,

enfim. Procura sempre que possível promover eventos dentro e fora da escola como olimpíadas, corrida de rua e circuitos. A fim de despertar o interesse dos alunos pelo movimento, tornando-os sujeitos ativos e participativos.

O docente elabora seus planejamentos semanalmente, de forma muito organizada e coerente. Mostrando-se sujeito comprometido e interessado na função que exerce. Nas suas aulas sempre busca atingir o objetivo, porém, às vezes é necessário algumas eventuais adaptações. Mas que segundo ele, nunca perdem de vista o real objetivo da aula, que no final das contas ainda acaba se concretizando. Os alunos precisam aprender o que ele deseja ensinar. E a troca de conhecimentos e experiências precisa acontecer, mesmo que sofrendo imprevistos. É necessário sempre respeitar cada um no seu ritmo. Os planejamentos do professor condizem com as práticas apresentadas.

A escola por sua vez, oferece condições muito boas para o ensino. Podendo contar com uma estrutura física bem ampla, seja em salas de aulas equipadas, ginásio grande, área coberta, piscina, enfim. Além de uma vasta diversidade de materiais, sejam eles bolas, cones, cordas, escadas, enfim, todos disponíveis para as aulas de educação física. A instituição também recebe muitos materiais para a educação física adquiridos através de doações feitas pela comunidade. Além do professor poder contar com o apoio da diretora solicitando a compra de todo material que se fizer necessário para as aulas.

Não podemos deixar de ressaltar a importância que tem a educação física na inclusão do grande público, que são as pessoas com necessidades educativas especiais. Público este que vem crescendo aceleradamente. Muito importante também, é poder contar com o atendimento especializado que encontramos em instituições como esta, que acolhem muitos alunos especiais, e oportunizam disciplinas como a educação física. Mostrando que sim, existe uma especificidade da educação física dentro da educação especial, que é a educação física adaptada, contribuindo com a aprendizagem dos alunos que têm deficiência física e/ou problemas de mobilidade que os impedem de movimentar-se, ajustando-se ao contexto da escola e dos alunos. Tudo isso, procurando sempre desenvolvê-los em diferentes aspectos, seja afetivo, cognitivo e psicomotor. Contribuindo grandemente para a vida de cada sujeito.

Por fim, considero que o processo de ensino aprendizagem dos conteúdos relacionados a disciplina de educação física, dentro da instituição APAE de Santa Rosa, aos alunos com necessidades educativas especiais, acontece de forma muito bem implementada, organizada e coerente com os objetivos gerais da área. Os sujeitos que por essa instituição estão passando e ainda passarão, terão grande suporte na sua constituição humana e social.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB, 9394/ 1996.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência**.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

DRESCH, Dênis. **Educação física na Educação Especial**, Santa Rosa, 2017.

GORGATTI, M. G; COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada**. Barueri - SP: Manole, 2005.

**PROJETO** Político Pedagógico, Escola de Educação Especial Albino Mincks- APAE, Santa Rosa, 2012.

ROSSETTO, E. **Processo de Inclusão: um grande desafio para o século XXI**. Disponível em: <http://www.presidentekennedy.br/rece/trabalhos-num3/artigo09.pdf>.

**Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/Seesp, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo**. São Paulo: Libertad, 2006.

## A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO FUTEBOL NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Pablo Junior Xavier Santana<sup>1</sup>  
Veronica Jocasta Casarotto<sup>2</sup>  
Cristian Leandro Lopes da Rosa<sup>3</sup>  
Fabiana Ritter Antunes<sup>4</sup>

### RESUMO

O futebol tem um bom propósito de ensino para a formação de um indivíduo na sociedade e no desenvolvimento motor, psíquico e social. Com base nisso, este trabalho apresenta a história do futebol no mundo e no Brasil, desde seus primórdios até os dias de hoje, em que é considerado uma profissão. Esse esporte tem ainda o poder de socializar indivíduos, formando amizades, grupo de pessoas que participam e acompanham os jogos. No contexto escolar, o futebol tem grande relevância, visto que o professor pode usá-lo como uma ferramenta de trabalho em suas aulas de Educação Física, aplicando assim formas de inclusão e auxiliando o comportamento dos alunos perante um grupo de pessoas de diferentes personalidades, preparando-os para viver em sociedade, aprendendo assim a respeitar regras e ao próximo e combatendo preconceitos e indiferenças. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que foram utilizados como base artigos, teses, livros e sites acadêmicos, tais como Scielo e Google acadêmico, envolvendo sempre o tema futebol de campo, buscando entender a importância da prática do futebol de campo no Ensino Fundamental – Anos Finais.

**Palavras-chave:** Futebol; Educação Física; Professor.

### ABSTRACT

Football has a good teaching purpose for the formation of an individual in society and also in motor, psychic and social development. Based on this, this paper presents the history of football in the world and in Brazil, from its earliest days until today, when it is considered a profession. This sport also has the power to socialize individuals, forming friendships, group of people who participate and follow the games. In the school context, football has great relevance, since the teacher can use it as a work tool in his Physical Education classes, thus applying forms of inclusion and helping students' behavior towards a group of people of different personalities, preparing them to live in society, thus learning to respect rules and others and fighting prejudice and indifference. This research is characterized as bibliographic, since it was used as base articles, theses, books and academic sites, such as Scielo and Google academic, always involving the theme soccer, seeking to understand the importance of the practice of soccer in the field. Elementary School – Final Years.

**Keywords:** Football; Physical Education; Teacher.

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Física pela AJES.

<sup>2</sup> Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUC/RS.

<sup>3</sup> Mestre em Educação Física pela UFPel.

<sup>4</sup> Mestre em educação Física pela UFSM.

## INTRODUÇÃO

A origem do futebol envolve muitas histórias, diferentes países, desde jogos maquiavélicos onde se utilizavam cabeças de soldados exilados como bola até a utilização de bolas feitas de fibras de bambu (FRANCO, 2018). “Chineses, japoneses, italianos, gregos antigos, persas, vikings e muitos outros povos já jogavam algum tipo de jogo de bola em tempos muitos distantes” (PARANÁ, 2010, p. 21), ou seja, o futebol, de alguma forma, sempre fez parte de diferentes culturas.

No século XIX, porém, o futebol começou a ser visto como um esporte e a ser praticado pelos trabalhadores de fábricas inglesas, que os estimulavam a formar equipes e a disputarem entre si, e isso gerava publicidade para a empresa. Inicialmente, a prática do futebol não era bem-vista nas escolas, mas mesmo com a rejeição de muitos, os alunos continuavam praticando nos intervalos das aulas. Para que houvesse disciplina entre os jogadores e aceitação de um número maior de pessoas, criaram-se as regras, fazendo com que o futebol começasse a ser aceito pelos pais e pelas autoridades das escolas. Depois disso, Charles Miller em uma viagem a estudos conheceu o esporte e o trouxe para o Brasil (FRANCO, 2018).

Em terras brasileiras, o esporte se tornou muito popular, tanto pelos indivíduos de classe alta como os de classe baixa, e com o tempo se tornou o esporte mais democrático da época, visto que juntava todas as classes, etnias e raças, apesar do racismo e preconceito ainda vigentes (FRANCO, 2018).

Atualmente, o futebol é um esporte muito conhecido e praticado em todo o mundo. É um jogo em que se tem 11 jogadores, sendo um deles o goleiro e os demais chamados de jogadores de linha. Pratica-se em um campo de gramas, seja ela natural ou sintética, e o jogo é dividido em dois tempos de 45 minutos, com direito a acréscimos. É um esporte que envolve duas equipes em que o objetivo é marcar gol no adversário (FRANCO, 2018).

Ao compreender a relevância que o futebol tem para o povo brasileiro e para os povos de outros países, surgiu o interesse de descobrir como esse esporte pode contribuir no processo de desenvolvimento de alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Este trabalho, portanto, busca entender os benefícios da prática do futebol no processo de ensino-aprendizagem de educandos das séries finais do Ensino Fundamental, assim como saber como se deu o processo histórico do futebol no Brasil e no mundo, compreender o papel do educador físico na formação do educando e identificar o papel do futebol como recurso

educacional.

Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e revistas que continham referências ao tema escolhido, com vistas a procurar “explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65). Moreira (2004) acrescenta que a revisão bibliográfica confere um importante auxílio ao pesquisador, pois aumenta seu próprio conhecimento sobre o assunto, tornando mais claro o seu objetivo. Além disso, esse tipo de pesquisa promove o contato com os resultados alcançados em outras pesquisas, reforçando a necessidade do cumprimento dos objetivos propostos ou tornando-os insignificantes em função dos avanços mencionados.

## **COMPREENDENDO A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO FUTEBOL**

Antes mesmo de sua regulamentação e profissionalização na Inglaterra, diferentes formas de prática do futebol foram relatadas pelo mundo ao longo dos séculos. Relata Unzelte (2002) que na Grécia, por volta do século I a.C., há resquícios de um esporte praticado por militares, jogado por duas equipes contendo nove jogadores com uma bola cheia de areia. Essa prática ficou conhecida como Episkiros.

Na China, por volta de 3.000 e 2.500 a.C., o futebol não era considerado um esporte, e sim um treinamento militar, pois os militares eram divididos em equipes e usavam as cabeças de soldados inimigos como bolas, para chutarem entre duas estacas cravadas no chão. De acordo com Santos (2015), ao longo dos anos, as cabeças dos inimigos foram substituídas por bolas revestidas com cabelo.

Há relatos de um esporte no Japão com o nome de Kemari, praticado em um campo aproximado de 200 metros. Era utilizada uma bola feita de fibra de bambu, e uma das regras era que seus praticantes não podiam ter o contato físico, era jogado por duas equipes com oito jogadores cada (SANTOS, 2015).

O futebol como conhecemos hoje teve seu berço na Inglaterra. Oliveira (2014) explica que a Football Association em Londres é a responsável pela forma como o futebol é praticado hoje, pois o organizou e regulamentou em 26 de outubro de 1863. Ainda para esse mesmo autor, na Inglaterra o futebol era visto como um simples “passatempo” até sua profissionalização. O futebol era utilizado pelos operários das fábricas em seus momentos de folga:

Utilizado na Inglaterra seguiu até por volta de 1870, quando em período Vitoriana os trabalhadores das fábricas adquiriram o direito ao ócio nas tardes de sábado, que seriam ocupadas pela prática do então futebol, que havia sido recentemente

regulamentado (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 1997, p. 23).

A Football Association elaborou as primeiras regras, fez as divisões de tabelas e designava horários para que ocorressem as partidas, iniciando assim os confrontos entre equipes. Os primeiros times foram formados por funcionários das indústrias das cidades, e as disputas eram realizadas aos sábados, quando estavam de folga. Para Oliveira (2014), a profissionalização e a regulamentação do futebol foram importantes para sua consolidação como esporte, pois ele era combatido pela classe burguesa devido ao fato de os funcionários constantemente se machucarem.

## **HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL**

O futebol foi inserido na cultura brasileira por Charles Willian Miller, brasileiro nascido no estado de São Paulo descendente de ingleses, que, aos 9 anos de idade, viajou para a Inglaterra para estudar (MENDES, 2013). O jovem, que ficou na Inglaterra por aproximadamente dez anos, teve contato com o futebol nos horários de recreio das escolas, quando praticava juntamente com seus colegas ingleses.

Ao retornar para o Brasil, em 1894, trouxe alguns uniformes usados para diferenciar os jogadores de cada equipe, um livro de regras e uma bola de futebol (MENDES, 2013). Oliveira (2014) cita que o jovem Miller trouxe em suas malas bolas, bombas e uniformes.

O fato de ter se deparado com um país republicano, e não mais monárquico, como quando partiu, contribuiu para a grande disseminação do futebol em território nacional (Oliveira, 2014). O Brasil, nessa época, ainda tentava se adaptar às mudanças socioeconômicas, culturais e políticas:

Uma grande parcela dessas pessoas era composta principalmente por negros, mulatos e brancos pobres de origem europeia, que se amontoavam em cortiços insalubres e violentos na área central e portuária da capital federal da época. Esse crescimento populacional desordenado levou o Rio de Janeiro a atingir índices alarmantes de doenças, tais como a tuberculose, que segundo a revista Brasil Médico de 1895 era a causa de 15% das mortes registradas na cidade. Em 1916 o Rio de Janeiro era o local de maior número de casos de tuberculose no mundo (OLIVEIRA, 2014, p. 172).

Ao contrário da Europa, onde os trabalhadores praticavam futebol em seu ócio (tempo livre), no Brasil os negros libertos se amontoavam nas periferias das cidades e praticavam o futebol nas praças e nos terrenos baldios, assim disseminando o futebol em solo brasileiro (SANTOS, 2015). Apesar disso, a prática do futebol pelos negros em território nacional não

ocorreu de forma tranquila e respeitosa:

Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo, eram expulsos de campo (SANTOS, 2015, p. 10).

Não obstante a libertação dos escravos, os negros ainda eram perseguidos e sofriam na pele o preconceito da sociedade. No futebol existiam “regras” diferentes para brancos e negros, e na maioria das vezes o futebol era utilizado como forma de demonstrar a “superioridade” da raça branca (elite) sobre a raça negra. Tanto para Santos (2015) quanto para Oliveira (2014), o racismo presente na elite brasileira e dentro dos clubes fez com que o futebol permanecesse no amadorismo por muitos anos.

Em 1895, foi realizada a primeira partida de futebol no Brasil, na cidade São Paulo, tendo como participantes as equipes São Paulo Railway e a Companhia de Gás, que tinham como jogadores os ingleses que moravam na capital paulista, o jogo terminou com a vitória do São Paulo Railway por 4 a 2 sobre a Companhia de Gás (SANTOS, 2018).

O Bangu foi o primeiro clube a inserir um jogador negro em sua equipe, Francisco Carregal, no ano de 1905. O clube foi criado por ingleses, mas formado por uma boa parte dos operários da fábrica de tecidos Bangu. No ano de 1907, foi emitido uma nota proibindo “pessoas de cor” de participar dos jogos, e o clube não participou da competição do campeonato carioca, tornando-se assim um símbolo da luta contra o racismo no futebol brasileiro.

Logo após veio o Vasco da Gama, que ficou muito conhecido e entrou para a história por ser o primeiro clube a vencer uma competição com o time em que a maioria era negros (FRANCO JR., 2007). O clube foi campeão carioca de 1923 e causou um incômodo nos rivais. No ano seguinte, foi criada uma federação, a Associação Metropolitana de Esporte Athleticos (AMEA), que fez um convite ao Vasco para fazer parte dela, mas com a condição de retirar os negros do time, o que foi negado veementemente. Assim, o clube preferiu participar de uma competição inferior, consagrando-se campeão, voltando somente em 1925 para a competição dos clubes principais (FRANCO JR., 2007).

No início do século XX, devido ao grande racismo no futebol brasileiro, os jogadores mulatos antes de entrar em campo penteavam seus cabelos rentes ao couro cabeludo, para parecerem mais lisos (RODRIGUES, 2003).

No ano 1901 surgiu a liga paulista de futebol, que foi a principal responsável pelo

primeiro campeonato paulista. Até 1919, a maioria dos estados já tinha sua própria federação e seu campeonato estadual. Somente em 1979 foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que até hoje organiza os principais campeonatos nacionais (SANTOS, 2015). No site da CBF (2018), há um pouco sobre suas funções, que são essenciais para o futebol brasileiro:

Tal como existe hoje, a CBF expandiu sua gama de atividades, sendo atu/almente incumbida do planejamento, coordenação e execução dos principais campeonatos de alcance nacional, além da administração da Seleção Brasileira de Futebol Masculino, da Seleção Feminina, e é responsável pelas categorias de base das Seleções Nacionais. Sob o manto da CBF, o futebol nacional prosperou em nível nacional e internacional, com títulos representativos como as Copas do Mundo FIFA de 1994 e 2002, a conquista do ouro olímpico nos Jogos Olímpicos Rio 2016, além da ampliação das competições organizadas pela Confederação. Atualmente, são contempladas as categorias profissionais e de base, tanto para o futebol masculino quanto para o futebol feminino. Ao todo, 17 torneios estão sob gestão da CBF.

O futebol no Brasil é considerado um esporte cultural, por isso é chamado de “o país do futebol”. É um evento que causa emoções, o que explica a grande expansão no território brasileiro, estando dentro dos principais cartões de visita do país (FÁVERO, 2004). É o único país pentacampeão do mundo.

## **FUTEBOL COMO ESPORTE EDUCACIONAL**

O esporte educacional tem como objetivo principal a inclusão social entre as pessoas, seja ela na escola ou na sociedade, colocando em pauta a importância de respeitar o biotipo, a raça, diversidade de gênero, etnia e religião de cada pessoa (COSTA, 1988).

Diferentemente do esporte de rendimento, o esporte educacional não aponta ou diferencia o bom do ruim, a pessoa não precisa ser boa no esporte, e sim tentar participar e ter a influência dos demais participantes de que todos conseguem, cada um do seu próprio jeito e no seu tempo. É diferente, por exemplo, do futebol de uma escolinha de futebol, que seleciona os melhores em suas respectivas formas de avaliar para formar atletas, pois a escola tem o intuito de formar cidadãos e assim manter a inclusão de todos diante da sociedade (FREIRE, 1998).

Assim como ocorre com várias outras modalidades, o futebol objetiva enriquecer o desenvolvimento de quem o pratica, principalmente se for inserido na infância, pois assim se adquirem e/ou se desenvolvem habilidades e fundamentos. Freire (1998, p. 9) destaca:

As habilidades específicas do futebol ou fundamentos do futebol podem ser divididas em habilidades individuais (chute, condução, cabeceio, e controle de bola)

e em coletivas (drible, desarme, passe, domínio, cruzamento e treinamento de goleiro).

No Brasil são praticadas várias modalidades de esportes, sendo o futebol o mais popular e benquisto. Sendo praticado em muitos países, o futebol é um esporte que atrai interesse de muitas pessoas (FREIRE, 1998). Ao longo dos anos, pode-se perceber que o futebol se consagrou como um esporte popular, tudo pela sua forma simples de jogar, podendo ser praticado em qualquer lugar espaçoso, usando a criatividade. De acordo com Freire (1998, p. 43):

O futebol é um jogo coletivo, composto por sucessivos momentos de equilíbrio e desequilíbrio proporcionados através das ações técnico-táticas executadas durante o jogo. São públicos e notórios que, no passado, este esporte foi praticado em qualquer lugar onde uma bola pudesse rolar (futebol de várzea e/ou pelada).

Essa modalidade de esporte pode proporcionar inúmeras vantagens à criança e ao adolescente em sua fase de desenvolvimento, como, por exemplo, contribuindo para sua saúde e para as boas relações sociais. Ao ser inserido nas aulas de Educação Física, o futebol pode ser tanto o promotor “da saúde como da qualidade de vida dentro da escola, na qual também apresenta a cultura corporal do movimento humano e suas práticas corporais” (MARTINS, 2008, p. 2). Além de prover o lazer, melhorar o relacionamento social, na escola dá oportunidade às pessoas que não têm condições financeiras para participar de um clube.

De acordo com a primeira Conferência Nacional dos Esportes (BRASIL, 2004, p. 10):

O esporte e o lazer podem ser fatores de desenvolvimento sociocultural e econômico, geradores de emprego e renda. Criam uma dinâmica econômica em cadeia, com efeitos na indústria que produz material esportivo, no comércio que distribui, na realização dos eventos, no turismo, na promoção comercial, nas empresas prestadoras de serviço, enfim, em todos os setores.

## **O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

O professor, com suas experiências e estudo constante, vai se profissionalizando cada vez mais, construindo seus saberes a partir dos espaços a que é submetido. É comprovado que o professor não é um simples profissional, e sim um indivíduo que tem o poder de mudar a vida de uma pessoa (seu aluno) pelo seu exemplo e dedicação.

Sacristán (1995, p. 67) destaca que:

[...] a atividade docente não é exterior às condições psicológicas e culturais dos professores. Educar e ensinar é, sobretudo, permitir um contato com a cultura na

acepção mais geral do termo; trata-se de um processo em que a própria experiência cultural do professor é determinante.

Mattos e Neira (1999, p. 70) afirmam que o professor “é um especialista em interação, a ele cabe optar pela condução mais adequada do seu trabalho”. Tendo em vista que o professor precisa dar continuidade ao seu trabalho, Negrine (1977) foca no fato de que é necessário ter domínio, ética e conhecer mais sobre a área em que atua, assim repassando um conhecimento de forma exemplar, fruto de muito estudo e dedicação.

Acreditava-se que a função de um professor de Educação Física era apenas aplicar práticas esportivas, ou ser o disciplinador, ou ainda oferecer recreação, brincadeiras e jogos aos alunos. O professor de Educação Física não era reconhecido como um profissional que iria ajudar no desenvolvimento do aluno como futuro cidadão, porque se tinha uma cultura de que ele era o responsável somente pelo passatempo e pela diversão. Para se ter uma melhor visão desse tema, Souza Vargas (apud AMORIM et al. (2004, p. 20) elucida:

[...] na escola, o professor de Educação Física, geralmente, é aquele elemento simpático, alegre, liberto de tensões. Um elemento que não cria problemas para a instituição. E isso não deve causar surpresa nem espanto: como criar problemas se ele não participa de maneira ativa da rotina escolar? Ele é um turista, um visitante, um E.T. Na discussão de conteúdo das disciplinas e das metas a serem traçadas para o período letivo, ele não é convidado a participar. No conselho de classe, ele é o elemento que pode passar despercebido, que pode entrar mudo e sair calado e, quando opina, é sobre os problemas de disciplina comportamental dos alunos, e nada mais.

Em meados de 1990, as aulas de Educação Física, que eram dadas em turnos opostos das demais matérias, começaram a ser incluídas na grade de horário juntamente com as outras disciplinas. Essa mudança fez com que o professor de Educação Física tivesse mais reconhecimento dos colegas de profissão, mas para os alunos e pais ele continuou sendo o responsável pela diversão. Muitos acreditam que a Educação Física não vai mudar em nada sua formação (AMORIM et al., 2004).

O professor de Educação Física, assim como os outros, é um transmissor de conhecimento e formador de cidadãos críticos, que ensina os alunos a lidar com seu corpo, com o “estar em movimento”, fazendo com que tenham uma noção de saúde. Percebe-se assim que ele tem uma grande responsabilidade e múltiplas funções dentro do âmbito escolar.

De acordo com Hurtado (1988, p. 74): “O professor de Educação Física é um educador profissional e, como tal, não lhe compete apenas transmitir os conteúdos de ensino de sua disciplina, pois, antes e acima de tudo, ele faz parte integrante e ativa do processo educativo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender qual a importância da prática do futebol nas escolas e quais os benefícios que ela proporciona aos alunos. Para isso, foi feito um breve relato da história do futebol no mundo e no Brasil, mostrando assim sua relevância para a sociedade. Sabendo que o futebol é um componente significativo da cultura brasileira, na escola deve-se descrever a importância da prática para os adolescentes, exemplificando que o futebol não é só fama e sucesso.

Para entender sobre a implantação do futebol no Brasil e no mundo, objetivou-se compreender o processo histórico do futebol no Brasil e no mundo. Observou-se que o futebol passou por grandes transformações, seguindo com o tempo uma linha de regras, como quantidades de jogadores, delimitações dos espaços do campo e outros para que o esporte tivesse a sua forma de hoje.

O professor de Educação Física tem um papel muito importante na formação dos alunos, pois tem a missão de ensiná-los a se comportarem em sociedade, a respeitar o próximo e a si mesmo. O futebol é um esporte que o professor pode utilizar como uma ferramenta de trabalho, visto que trabalha os movimentos e oportuniza uma melhor qualidade de vida, considerando que os alunos aprendem a trabalhar em grupo, a respeitar os colegas e a solucionar problemas em poucos momentos, sozinhos ou com ajuda de seus companheiros.

Diante do exposto, entende-se que o futebol tem vários pontos positivos que podem ajudar o professor durante suas aulas de Educação Física, mostrando a importância que o futebol tem e os benefícios que o esporte em si traz para os alunos e para todos que o praticam. Tanto nos finais de semana com os amigos quanto em partidas oficiais, o importante é que o futebol sempre estará entre uma das melhores ferramentas de trabalho, principalmente nas escolas.

## REFERÊNCIAS

SUFI, Maurício. A visão de professores e dirigentes sobre o papel do professor de educação física no Ensino Médio. **Monografias Brasil Escola**, [S.d.]. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/a-visao-professores-dirigentes-obre-papel-professor-educacao.htm>>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

AMORIM, C. E. N. *et al.* Razões e justificativas para o descrédito do professor e da disciplina educação física em escolas estaduais. Estudo de caso. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, ano 10, n. 77, 2004. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd77/descrédito.htm>>. Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Esporte lazer e desenvolvimento humano**. Brasília, DF, 2004. Disponível em:  
<<http://portal.esporte.gov.br/conferencianacional/arquivos/teseFinal.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Sobre a CBF**. 2018. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/index/a-cbf>>. Acesso em: 10 out. 2019.  
COSTA, L. P. **Educação física e esporte não formais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.

FÁVERO, P. M. A geopolítica do futebol. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DOS GEÓGRAFOS, 6º, 2004. **Anais [...]**, Goiânia, 2004.

FRANCO JR., H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO, G. História do Futebol. **Brasil Escola**, 2018. Disponível em:  
<<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FREIRE, N. M. **A ciência por dentro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HELAL, R.; SOARES, A.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HURTADO, J. G. G. M. **O ensino da Educação Física: uma abordagem didático-metodológica**. 3. ed. Porto Alegre: Prodil, 1988.

MARTINS, R. M. Por que no Brasil a modalidade esportiva do bodyboarding não evoluiu? **Efdeportes.com**, Buenos Aires, ano 13, n. 126, 2008. Disponível em:  
<<https://www.efdeportes.com/efd126/bodyboarding-no-brasil.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2019.  
MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação física infantil: construindo o movimento na escola**. Guarulhos: Phorte Editora, 1999.

MENDES, T. A. **O ensino de futebol na Educação Física escolar, de acordo com os autores**. 2013. 21 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

NEGRINE, A. **O ensino da Educação Física**. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1977.

OLIVEIRA, A. F. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, 2014.

PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Qual é a origem do Futebol?** [2010]. Disponível em:

<<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=345>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.  
SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional do professor. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2. ed. Lisboa: Porto, 1995. p. 63-92.  
SANTOS, R. Futebol no Brasil. **Revista Brasileira de Futebol**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 98-112, 2015.

UNZELTE, C. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

## RELEVÂNCIA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRATAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COGNITIVA EM ESCOLARES COM TDAH

Silmara Borges Silva<sup>1</sup>  
Veronica Jocasta Casarotto<sup>2</sup>  
Cristian Leandro Lopes da Rosa<sup>3</sup>  
Fabiana Ritter Antunes<sup>4</sup>

### RESUMO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurobiológico crônico que envolve desatenção, hiperatividade e impulsividade, muito comum na população de crianças em idade escolar. Apresenta como característica principal um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade/impulsividade que, frequentemente, resulta em prejuízos emocionais, sociais e, sobretudo, funcionais, tendo em vista que o indivíduo tem grande facilidade para a distração, apresentando dificuldade de foco em tarefas que possam exigir organização e engajamento. Estudos estimam que, a cada cinco crianças/adolescentes no mundo, uma é identificada com algum tipo de transtorno mental; no Brasil, de 3 a 4% de crianças e adolescentes se revelam com as características do TDAH. Nessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo pesquisar e descrever sobre o TDAH, buscando evidenciar se o tratamento e o desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva do indivíduo com o distúrbio de TDAH poderão ser influenciados pela atuação do profissional da Educação Física. Para tanto, se utiliza a pesquisa bibliográfica, buscando reunir alguns dos principais autores que discorrem sobre o TDAH.

**Palavras-chave:** Hiperatividade. Transtorno de TDAH. Cognição.

### ABSTRACT

The Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a disorder that involves inattention, hyperactivity and impulsiveness, very common on child school-age population, whose main characteristic is a persistent pattern of inattention and/or hyperactivity/impulsiveness, often resulting in emotional, social and, mainly, functional losses, since the individual exhibits a great easiness for distraction and difficulty in focusing on tasks the require organizations and commitment. Studies have estimated that one on five individuals from the child and adolescent world population present some kind of mental disorder; and in Brazil from 3% to 4% show symptoms of ADHA. In this perspective, this work had as main objective to research and to describe the ADHA characteristics, in order to uncover if the treatment and the development of the cognitive learning process of the individual with ADHA disorder, can be affected by a professional in Physical Education, using, to achieve that, bibliographical research, to gather some of the main authors on the ADHA theme.

**Keywords:** Hyperactivity; ADHA Disorder; Cognition.

<sup>1</sup> Professor de Educação Física pela AJES.

<sup>2</sup> Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUC/RS.

<sup>3</sup> Mestre em Educação Física pela UFPel.

<sup>4</sup> Mestre em educação Física pela UFSM.

## INTRODUÇÃO

A importância que é dada à saúde física e à saúde social na atualidade é muito maior que há alguns anos, e o culto, principalmente ao corpo, é o que faz com que academias fiquem cheias. No entanto, torna-se imperativo que tenhamos também compreensão de que a saúde mental é indispensável para que o bem-estar dos indivíduos e das sociedades tenham resultados positivos, no que tange às questões de transtornos mentais, que, queiram ou não, afetam a sociedade, as instituições de ensino e, sobretudo, as famílias.

Dados apresentados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) relatam que, a cada cinco crianças/adolescentes no mundo, uma apresenta algum tipo de transtorno mental (BENCZIK, 2004); no Brasil, de 3 a 4% de crianças/adolescentes têm necessidade de tratamento intensivo (COUTO; DUARTE; DELGADO, 2008). A falta da saúde mental, principalmente na adolescência, afeta de maneira muito profunda o desenvolvimento educacional, o que pode levar ao risco de uso de drogas e álcool, assim como o aumento do comportamento violento.

Um dos transtornos mentais que se apresenta com maior frequência na infância, de acordo com Biederman e Faraone (2005), é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que é compreendido como o transtorno de neurodesenvolvimento que envolve: desatenção, hiperatividade e impulsividade (APA, 2013). É um distúrbio neurocomportamental que afeta crianças em idade escolar, porém esses padrões podem acompanhar a pessoa até sua vida adulta. Bush, Valera e Seidman (2005) ressaltam que esses padrões afetam de maneira muito intensa os processos de aprendizagem, a concentração e as ações motoras, além de afetar outras regiões do cérebro, que implicam em alteração no controle inibitório, na memória de trabalho e no tempo de reação.

Santos e Vasconcelos (2010) descrevem que a diversidade de abordagens com referência ao TDAH continua gerando críticas e divergências de opiniões no que diz respeito ao diagnóstico, pois os sintomas ou características se apresentam muito próximos aos aspectos comportamentais de crianças, jovens e adultos que não possuem a síndrome da TDAH. Segundo Costa, Moreira e Seabra Júnior (2015), o TDAH consta na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), sendo apresentado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V subdividido em: TDAH com predomínio de sintomas de desatenção; TDAH com predomínio de sintomas de hiperatividade/impulsividade; e TDAH combinado (APA, 2014).

Os sintomas do TDAH apresentados por crianças, jovens e até mesmo adultos afetam a aprendizagem em sala de aula, influenciam no domínio motor e na aprendizagem cognitiva e

social. Nas aulas de Educação Física, se apresenta uma situação de engajamento sem sucesso, pois o indivíduo tem grande facilidade para a distração, tendo dificuldade de foco em tarefas que possam exigir organização e engajamento (AMÉRICO; KAPPEL; BERLEZE, 2016). O TDAH é um transtorno considerado bastante genérico e é diagnosticado puramente por critério clínico, com base em um conjunto de sinais e sintomas, baseados nas manifestações de desatenção, hiperatividade e impulsividade (MOREIRA; BARRETO, 2009).

Diante desse contexto em que se insere o TDAH, surge a figura do educador da Educação Física, que carrega consigo o papel fundamental para o diagnóstico, tratamento e desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva, levando em conta que cada ser apresenta realidades diferentes, o que exige do profissional estratégias diversas no que diz respeito ao ensino, à aplicação das estratégias e ao relacionamento com o indivíduo portador de TDAH. Giacomini e Giacomini (2006) afirmam que o profissional da Educação Física poderá trabalhar não somente de forma assistida e individualizada, mas, sim, de maneira inclusiva, englobando a socialização entre escola, família e sociedade, buscando mostrar ao indivíduo com TDAH seus pontos fortes e seus talentos.

Com base no exposto, este trabalho objetiva verificar se o tratamento e o desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva do indivíduo com distúrbio de TDAH poderão ser influenciados pela atuação do profissional da Educação Física. Dessa forma, procura-se entender se o profissional da Educação Física pode influenciar no tratamento e no desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva do indivíduo com distúrbio de TDAH. A relevância e justificativa da realização deste trabalho residem na compreensão de que este é um tema ainda muito aquém do conhecimento necessário para professores, escola e sociedade, mostrando assim a necessidade de fomentar o debate, a reflexão e discussão sobre o tema.

Com vistas a alcançar o objetivo proposto, este trabalho se baseia em concordância com os ditames da pesquisa básica, tendo em vista o estudo destinar-se à investigação de fenômenos físicos e seus fundamentos (GIL, 2008). Apresenta uma abordagem qualitativa, visto que as respostas obtidas não são objetivas e o intuito não é contabilizar quantidade, e sim compreender o comportamento de um grupo-alvo, que é formado por indivíduos com TDAH. Ainda de acordo com Gil (2008), tomando por base os objetivos deste trabalho, este classifica-se com descritivo, pois busca descrever as características de uma população ou fenômeno. Insere-se ainda como pesquisa bibliográfica, uma vez que, para sua confecção, foram utilizadas as mais variadas fontes de pesquisas disponíveis ao público, tais como: livros, revistas, sites, dissertações de mestrado e artigos publicados em periódicos científicos.

## TDAH – HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

Os sintomas que caracterizam o TDAH tem sido estudados ao longo dos últimos 200 (duzentos) anos, conforme é possível verificar na Figura 1, a seguir, e já recebeu diferentes nomes. É importante ressaltar que embora haja uma gama muito grande de sintomas, não é necessário que todos eles estejam presentes e visíveis para que o diagnóstico seja definido.

Figura 1 – Cronologia do TDAH



Fonte: Resende (2016).

A partir do primeiro estudo publicado em 1798, vários outros estudos surgiram, culminando com o que está denominado nos dias atuais como TDAH. Devido à sua relevância, estes estudos serão apresentados nos subcapítulos seguintes.

### DESATENÇÃO PATOLÓGICA – Alexandre Crichton

O primeiro estudo em que se apresentou a descrição do TDAH, de acordo com Resende (2016), foi publicado pelo médico escocês Alexandre Crichton, no ano de 1798, em uma série de 3 livros com o título: Uma investigação sobre a natureza e origem do desarranjo mental. Ele relatava sobre a doença caracterizada pela dificuldade em manter o foco, uma predisposição para distração, agitação e, possivelmente, algum tipo de impulsividade, reconhecendo que

existia um quadro de caráter evolutivo da doença, propondo que a causa poderia ser a disfunção neurológica. Alexandre Crichton, por meio da publicação de seus livros, procurava retratar os aspectos de desatenção que são encontrados nos indivíduos com TDAH: a hiperatividade e a impulsividade.

De acordo com Phelan (2005), a hiperatividade é caracterizada por inquietação ou dificuldade de manter-se quieto, não permanecer sentado quando era esperada tal conduta, por correr, escalar ou mostrar conduta motora inadequada em situações inapropriadas, por apresentar dificuldade em brincar ou realizar atividades de lazer em silêncio ou por falar excessivamente. O autor destaca que a impulsividade é um fator importante no quadro patológico do TDAH, pois pode causar desde um prejuízo significativo na interação social da criança até um risco físico real. A impulsividade na criança com TDAH é caracterizada pela ação sem o controle racional, ou seja, a criança faz o que quer, o que lhe vem à cabeça, sem medir ou se preocupar com as consequências. Assim, se envolve em brincadeiras perigosas, se fere ou agride outras crianças quando está frustrada somente para satisfazer seu desejo.

Os estudos desenvolvidos por Alexandre Crichton foram incluídos na segunda edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Distúrbios Mentais – DSM-II, de 1968, como Distúrbio de Reação Hiperkinética da Criança. Sem dúvida, foi um dos mais significativos marcos da história, pois até então os pesquisadores davam maior ênfase aos sintomas de hiperatividade (BARBOSA; STEIN, 1999).

## **O INQUIETO E OUTRAS HISTÓRIAS – Heinrich Hoffmann**

Resende (2016) descreve que, em 1845, o médico alemão Heinrich Hoffmann publicou o livro infantil, como presente ao seu filho, Histórias engraçadas e desenhos divertidos.<sup>5</sup> Esse livro, um clássico da literatura infantil mundial, traduzido em diversas línguas, conta diversas histórias, como a de um jovem que não conseguia ficar parado durante o jantar, o que deixava seus pais furiosos, até que um dia ele segurou a toalha e a puxou, fazendo com que todo o jantar caísse no chão. Esse conto chama-se “Die Geschichte von dem Zappel-Philipp” (A história de Felipe, o inquieto).

De acordo com Barkley (2002), o livro publicado por Heinrich Hoffmann possui dez contos ilustrados e, já em seu prefácio, relaciona atitudes e comportamentos que as crianças devem ter

---

<sup>5</sup> Título original: *Lustige Geschichten und drollige Bilder*. Foi escrito sob o pseudônimo Reimerich Kinderlieb. Mais tarde, com a fama internacional, o título mudou para *Der Struwwelpeter* (João Felpudo).

para ganhá-lo, dentre elas, por exemplo: serem comportadas, educadas, tomarem sopa, não esquecerem do pão, não fazer barulho, serem tranquilas e deixarem ser conduzidas pela mãe nos passeios.

Andrade, Bona e Pereira (2009, p. 134) analisam as histórias do livro desta forma:

Escritas, sobretudo, para divertir e entreter a criança pequena, as histórias são dirigidas para o desenvolvimento moral da infância, expresso no controle de impulsos considerados inadequados (recusar-se à alimentação, não parar quieto à mesa), na correção de más ações (maltratar e caçar animais) ou maus costumes (chupar o dedo, não cortar e não pentear os cabelos, deixar as unhas crescerem), na previsão dos perigos manifestos ao não se seguir os conselhos familiares (queimar-se, sofrer as consequências de sair de casa sob tempestade) e no combate aos preconceitos (ridicularizar os diferentes).

Os contos descritos nos livros de Hoffmann, na visão de Oliveira (2008), tinham como objetivo demonstrar que a criança compreende, percebe e alcança o que ela vê, o que, de certo modo, nos remete à compreensão de uma educação preventiva e moralizante. As crianças ao procurarem fugir de um padrão preestabelecido de comportamento, acabam sempre se dando mal e, este eram os desfechos finais de seus contos.

## **DEFEITO DO CONTROLE MORAL – George F. Still**

O médico inglês George F. Still, em 1902, apresentou um estudo em que definiu o TDAH como “um defeito no controle moral”, em que defendia a hipótese de que a doença poderia ser hereditária ou relacionada com a encefalopatia<sup>6</sup> adquirida, e não como consequência de uma má educação (RESENDE, 2016). O estudo permitiu o surgimento de diversas pesquisas, tais como: lesão cerebral mínima; disfunção cerebral mínima; síndrome da criança hiperativa, entre outras.

Para Santos e Vasconcelos (2010), o que Still buscava era a análise dos defeitos anormais de controle moral, pois acreditava que este estava sempre em conformidade com a ideia de bom e de bem-estar de todos e que tal controle inibia as forças opostas. Ele acreditava ainda que o controle, aliado à cognição, da consciência moral e da vontade, inibia as forças espontâneas e instintivas opostas à ideia de bem de todos.

Nos estudos de Still (1902), havia dois aspectos importantes que se relacionavam entre si: a polaridade entre as causas biológicas e ambientais e a ênfase no perigo que tais crianças representavam. Sendo as causas biológicas ou não, deveria haver um tratamento institucionalizado em casas de trabalho, com ensino das regras de higiene, a ingestão de comida

<sup>6</sup> É um termo geral para doenças que alteram a função cerebral e o estado mental de uma pessoa.

natural e não estimulante, ar fresco, banhos e exercícios. Isso, de acordo com Rafallovich (2002), era o discurso da imbecilidade e imoralidade infantil, ou seja, a tentativa de biologização e patologização da moral.

## **SURTO EPIDÊMICO DE ENCEFALITE LETÁRGICA**

Durante os anos de 1915 a 1930, ocorreu um grande surto epidêmico de encefalite letárgica<sup>7</sup>, em que 20 milhões de pessoas foram atingidas por essa doença, que comprometia o desenvolvimento cerebral e motor do paciente, por isso ficou conhecida como “distúrbio de comportamento pós-encefálico”. Suas características muito facilmente são confundidas com o TDAH (RESENDE, 2016).

Caliman (2010, p. 58) descreve que na primeira metade do século XX:

[...] as tecnologias visuais eram vistas como a chave para o progresso científico. No caso da encefalite, as tecnologias de visualização eram vinculadas ao estudo da infectologia e da bacteriologia que pesquisava a causa da doença ou seu agente ainda invisível. Ser invisível para as tecnologias da época era um entrave à revelação da verdade da encefalite.

Na busca do entendimento sobre a encefalite letárgica, foi utilizado até mesmo tecnologias cinematográficas, como, por exemplo, o trabalho de Frederick Tilney, em 1918, que buscava reunir sintomas e características das patologias orgânicas e psicogênicas, pois era necessário, para que se conhecesse o agente invisível, a reunião dos sintomas característicos e identificar os movimentos mais sutis que se manifestavam apenas pelos indivíduos afetados (CALIMAN, 2010).

## **DOENÇA HIPERCINÉTICA DA INFÂNCIA – Kramer e Pollnow**

Machado (2013) relata que Kramer e Pollnow, na década de 1930, descreveram um transtorno característico em crianças que possuem uma inquietação motora acentuada, chamando-o de hipercinética. Os sintomas da hipercinética, de acordo com Resende (2016), já era observado por outros pesquisadores, mas ainda não haviam sido distinguidos de outras doenças com as mesmas características, como as residuais da epidemia de encefalite letárgica.

---

<sup>7</sup> Encefalite letárgica, doença europeia do sono ou doença de von Economo, é uma forma atípica de encefalite, cujas causas não são conhecidas. Ela provoca letargia, sonolência incontrolável e tremores, assim como outros sintomas que puderam ser foram observados: febre alta, dor de cabeça, inflamação de garganta, visão dupla, movimentos anormais do globo ocular (crise oculogírica), catatonía, perda da fala e, até mesmo, psicose.

Para Machado (2013), a descrição do transtorno oferecida por Kramer e Pollnow é muito diferente das descrições apresentadas por outros autores, pois enfatiza mais a impulsividade e a agitação motora do que comportamentos morais. Além disso, a caracterização da hipercinética da infância apresentada por Kramer e Pollnow tem muita similaridade com o TDAH. As crianças que se encaixavam nesse transtorno eram assim descritas pelos autores: elas não param por um segundo, tocam e movem tudo sem qualquer objetivo, sobem nas mesas, rasgam papéis, jogam objetos pela janela ou batem seus brinquedos ritmicamente no chão, se distraem por qualquer estímulo e não conseguem se concentrar, nem concluir uma atividade, ocasionando problemas de aprendizado e tornando difícil tentativas com suas capacidades intelectuais, não por não serem capazes, mas por não pararem quietas.

Em 1937, Charles Bradley apresentou um estudo que trouxe uma pequena luz ao tratamento de crianças com problemas de comportamento, tratamento este que se reduzia na aplicação de um remédio chamado “benzedrine”, que era o estimulante mais forte da época. Mesmo nem sempre melhorando a dor de cabeça dos pacientes, produziu grande melhora no desempenho escolar e no comportamento de muitas crianças, resultado que causou surpresa até mesmo para ele. De acordo com Machado (2013), parecia ser paradoxal que uma droga conhecida por ser estimulante tenha tranquilizado metade das crianças.

## **LESÃO/DISFUNÇÃO CEREBRAL MÍNIMA**

Legnani e Almeida (2008) descreve que o TDAH era chamado no início do século XX de Lesão Cerebral Mínima, sendo renomeado, na década de 1960, de Disfunção Cerebral Mínima. Segundo as autoras, essa troca foi criticada por Collares e Moysés, que acreditavam que não houve mudança significativa “que pudesse trazer alguma criticidade ou questionamento sobre um ponto crucial acerca dessas ‘entidades clínicas’, qual seja: a impossibilidade de comprovar uma anormalidade biológica que justificasse a inclusão dos referidos quadros como patologias orgânicas” (LEGNANI; ALMEIDA, 2008, p. 6).

Esse novo conceito de lesão cerebral mínima, na concepção de legnani e Almeida (2008) era baseada na ideia de que este refletia o entendimento de que havia uma série de transtornos contínuos que eram causados por lesões cerebrais em diferentes graus de severidade, que iam desde lesões mais severas que causavam paralisia cerebral ou deficiência mental até lesões mínimas que se manifestavam em problemas de aprendizado ou de comportamento.

## **REAÇÃO HIPERCINÉTICA DA INFÂNCIA – DSM-II**

Oliveira e Albuquerque (2009) declaram que até os anos 1960, acreditava-se que a concepção orgânica do transtorno vinha acompanhada com uma progressiva ênfase nas manifestações comportamentais, por esse motivo somente foi incluído na segunda edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – DSM-II, com a designação de Reação Hiperkinética da Infância.

No final dos anos 1980, por meio dos estudos publicados por Barkley (1982), surgiu uma nova visão sobre a reação hiperkinética da infância, passando esse transtorno a ser considerado como uma alternativa atencional baseada, fundamentalmente, no fenômeno da desinibição comportamental. Dessa forma, passam a ser valorizados não somente os aspectos biológicos e comportamentais, mas também os aspectos mais cognitivos.

Para Oliveira e Albuquerque (2009), as definições que tratam da hiperkinética da infância estão envoltas em discussões no que tange às questões de classificações, o que traz, de forma natural, ambiguidades e desordem no modo de realizar um diagnóstico preciso. A OMS e a Associação Americana de Psiquiatria (APA) diferem na sintomatologia e no valor que os sintomas apresentam na altura de estabelecer um diagnóstico, enquanto a APA considera que os principais sintomas são o déficit de atenção, a hiperatividade e a impulsividade, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), da OMS, ratifica unicamente os dois primeiros sintomas.

## **TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM OU SEM HIPERATIVIDADE –DSM-III**

Na década de 1970, os sintomas da hiperatividade passaram a ter destaque sobre os demais sintomas do Transtorno do Déficit de Atenção e, no final da década de 1970, os estudos voltaram-se para os sintomas de desatenção, tendo em vista que as crianças podiam ter déficits atencionais sem hiperatividade (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2009). Esse novo olhar resultou em uma nova classificação e redefinição pela APA, que apresentou no DSM-III (1980) o transtorno em dois tipos: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e Transtorno de Déficit de Atenção sem Hiperatividade.

## TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – DSM-III-R

De acordo com Vasconcelos et al. (2003), esse transtorno é comumente mais encontrado na infância e se caracteriza por apresentar três principais sintomas: desatenção, impulsividade e hiperatividade. Para Brozowski e Caponi (2009), o TDAH caracteriza-se como transtorno neurobiológico marcado por sintomas como hiperatividade, falta de atenção, agitação, desorganização, esquecimento, impulsividade, dentre outras características, que costuma aparecer na infância, ficando mais evidente na fase de aprendizado escolar, e na maioria dos casos acompanha a pessoa por toda a vida. Conforme expõem os autores, calcula-se que, atualmente, algo entre 3 e 5% de crianças sejam diagnosticadas com o TDAH no Brasil, sendo mais frequente em meninos do que meninas.

O Quadro 1, a seguir, apresenta resumidamente a classificação, as características e os padrões do TDAH.

Quadro 1 – Classificação, características e padrões do TDAH

CLASSIFICAÇÃO	SINTOMAS	CARACTERÍSTICAS E PADRÕES
	A pessoa:	
Desatenção	(a) frequentemente deixa de prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras; (b) com frequência tem dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas; (c) com frequência parece não escutar quando lhe dirigem a palavra; (d) com frequência não segue instruções e não termina seus deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais (não devido a comportamento de oposição ou incapacidade de compreender instruções); (e) com frequência tem dificuldade para organizar tarefas e atividades; (f) com frequência evita, antipatiza ou reluta a envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante (como tarefas escolares ou deveres de casa); (g) com frequência perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (por ex.: brinquedos, tarefas escolares, lápis, livros ou outros materiais); (h) é facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa; (i) com frequência apresenta esquecimento em atividades diárias.	- tem dificuldade para manter a concentração durante muito tempo em um assunto específico, sendo facilmente distraído por estímulos externos; - erra muito por falta de atenção no que está fazendo; - evita atividades que demandam um grande esforço mental; - frequentemente esquece o que ia falar; - tem dificuldade em se organizar com o planejamento de tempo e com objetos – hábito de perder coisas importantes para o dia a dia; - não ouve quando o chamam, podendo ser considerada desinteressada ou egoísta.
Hiperatividade e impulsividade	(a) frequentemente agita as mãos ou os pés ou se remexe na cadeira;	- é inquieta, não consegue ficar parada. Tem mania de mexer mãos e pés quando está sentada e não

CLASSIFICAÇÃO	SINTOMAS	CARACTERÍSTICAS E PADRÕES
	A pessoa:	
	(b) frequentemente abandona sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentada; (c) frequentemente corre ou escala em demasia, em situações nas quais isso é inapropriado (em adolescentes e adultos, pode estar limitado a sensações subjetivas de inquietação); (d) com frequência tem dificuldade para brincar ou se envolver silenciosamente em atividades de lazer; (e) está frequentemente “a mil” ou muitas vezes age como se estivesse “a todo vapor”; (f) frequentemente fala em demasia; (g) frequentemente dá respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas; (h) com frequência tem dificuldade para aguardar sua vez; (i) frequentemente interrompe ou se mete em assuntos de outros (por ex.: intromete-se em conversas ou brincadeiras).	consegue ficar sentada em um lugar por muito tempo; - tem tendência a vícios: jogos, álcool, drogas e outros; - não sabe lidar bem com frustrações; - costuma ter um temperamento explosivo; - frequentemente, muda seus planos de uma hora para a outra; - faz mais de uma atividade ao mesmo tempo, não gosta de tédio; - muitas vezes, é considerada imatura; - muitas vezes, tem dificuldade em se expressar: a fala não acompanha a velocidade de seus pensamentos.
Desatenção/ hiperatividade impulsividade TDAH combinado	e	- Para identificar um caso de TDAH combinado, é necessário que a pessoa apresente uma combinação dos dois tipos acima, com sintomas de desatenção e hiperatividade. - Em todos os casos, é necessário perceber claramente que esses sintomas estão interferindo o funcionamento social, acadêmico ou profissional da pessoa, para realizar um diagnóstico correto.

Fonte: A autora (2019), adaptado de Brzozowski e Caponi (2009).

Na atualidade, o TDAH é um dos transtornos mais estudados no mundo, e acredita-se que as causas do seu aparecimento são uma combinação entre fatores genéticos, alterações no cérebro e fatores ambientais (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2009).

## O TDAH E O AMBIENTE ESCOLAR

Ao inserir um aluno com TDAH no ambiente escolar, no que diz respeito ao preparo do professor, suporte técnico especializado e aos materiais didáticos disponíveis que possam contribuir para a prática do professor na realidade, depara-se com variadas incógnitas. Segundo os conceitos de educação de Piaget (2007), o conhecimento é de caráter construtivista, portanto o conhecimento se faz entre o educando e o meio.

Observando o que diz Piaget (2007), é visível a percepção de que, no contexto escolar, o professor vai se deparar com situações que irá requerer sua total dedicação para resolvê-las, pois a realidade é que a escola está repleta de alunos com variadas personalidades. Em uma mesma sala, será possível verificar a presença de alunos quietos, dedicados e obedientes e daqueles que possuem termos pejorativos, como “indisciplinados, inquietos, bagunceiros e sem limites”, que são os que mais requerem a atenção no processo de ensino-aprendizagem (REGO,

1999). As características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo etc.) dependem da interação do ser humano com o meio e atribui especial importância ao fator humano presente no ambiente (REGO, 1999).

Na atualidade, há uma nova realidade. A necessidade de suprir a família financeira e economicamente leva os pais a desenvolverem atividades profissionais por um longo período, sendo assim as crianças passam mais tempo em instituições escolares do que em seu próprio ambiente familiar. Além disso, quando estão no ambiente familiar, tanto os pais como os filhos passaram a fazer uso de aparelhos eletrônicos (celulares) e dedicam praticamente todo o tempo livre em redes sociais, jogos eletrônicos etc.

De acordo com Smith e Strick (2012), os pais acabam transferindo o papel de observação do comportamento infantil inteiramente para o professor, que em meio a um ambiente de praticamente 30 alunos por classe, muitas vezes, não consegue distinguir as especificidades dessa criança, assim iniciando um movimento em cadeia que pode originar repetições de ano escolar, bullying, exclusão escolar, social e familiar.

A responsabilidade do professor aumenta quando há a certeza de que deverá, dentro do contexto escolar, observar se entre seus alunos existe alguém com comportamento diferenciado. Conforme Polonia e Dessen (2005), é necessário analisar os contextos social, cultural e familiar em que o aluno está inserido e, após essas análises, encaminhá-lo para uma análise adequada especializada.

Para Wagner et al. (1999), não existe exame para diagnosticar TDAH, por isso o diagnóstico é um processo de múltiplas facetas e de avaliação ampla. É preciso estar atento à presença de sintomas que são concomitantes a outros transtornos. Após esses trâmites necessários para o diagnóstico do aluno, o educador terá um suporte adequado para estabelecer um caminho a ser trilhado com o indivíduo diagnosticado, assim construindo uma educação igualitária.

## **O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TDAH**

Crianças de todas as faixas etárias participam de forma muito intensa de agitações, bagunças, distrações e brincadeiras, pois são características normais para qualquer criança. No entanto, entre essas crianças, existem aquelas que possuem o TDAH, e o que as diferenciam das outras é a intensidade e a frequência em que ocorrem as agitações, bagunças, distrações e brincadeiras, pois a criança com transtorno de TDAH sempre vai ser a mais inquieta ou a mais distraída em comparação com as outras.

O comportamento hiperativo e compulsivo da criança, no meio familiar, pode se tornar mais grave devido às punições mais severas que recebe, e isso vai desde castigos físicos até a comentários não muito prazerosos com relação ao seu comportamento. No entanto, como a criança tem muita dificuldade de manter controle sobre seus impulsos, acaba fazendo tudo novamente e acreditando no que dizem, que ela é uma pessoa “má”, que é a “ovelha negra da família”, que “não vai para o céu” ou coisas do gênero (DESIDÉRIO; MIYAZAKI, 2007).

De acordo com Silva (2003), é importante que os pais busquem informações sobre o comportamento inadequado da criança antes de tirar conclusões precipitadas sobre seu comportamento, pois quanto mais forem sabedores sobre o TDAH, melhor será a convivência de todos. Esse conhecimento permitirá que os pais entendam a criança e o porquê de seu comportamento, o que lhes permitirá lidar com a criança, sabendo diferenciar desobediência da incapacidade de controle de impulsos.

A família pode contribuir com o tratamento ou a melhor compreensão do TDAH. Seu papel nesse processo é fundamental. Silva (2003) descreve que é imprescindível que os pais deem apoio, conversando, permitindo que a criança expresse seus sentimentos, sempre respeitando, e não sendo ofensivo.

De acordo com o art. 205 da Constituição Federal de 1988, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Portanto, escola e família precisam conhecer sobre o assunto e buscar orientações para apoiar adequadamente o processo de formação humana e de aprendizagem da criança, tendo como base os princípios constitucionais.

Tomando por base os princípios constitucionais descritos na Constituição Federal de 1988, o Estado deve garantir ao aluno com TDAH um atendimento educacional especializado, pois, de acordo com a Resolução n. 2 de 2001, do CNE/CEB, o aluno com TDAH apresenta necessidades educacionais especiais e, portanto, não pode ser proibido de ingressar em qualquer instituição de ensino regular (BRASIL, 2001). Aqui insere-se a responsabilidade dos pais no cumprimento das funções legais da família e da escola.

## **INCLUSÃO E ADAPTAÇÃO DO ALUNO COM TDAH NA ESCOLA**

A inclusão e adaptação do aluno com TDAH não são tarefas das mais simples e prazerosas para o educador. É importante observar que inserir um aluno em um grupo não é o mesmo que incluir, o que faz surgir um novo problema: a adaptação desse aluno ao grupo.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996), visa dar ao aluno com TDAH o direito a currículos, métodos, recursos educativos e de organização, específicos para atender às suas necessidades. Da mesma forma que a LDB enfatiza esses direitos aos alunos com TDAH, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também estabelece direitos às pessoas com deficiência. A escola que se denomina inclusiva e que seja inclusiva na realidade terá alunos com TDAH e com necessidades especiais, o que gera grandes benefícios à educação e para a sociedade. A inclusão, de acordo com Sherril (2004), traz por princípios a participação do portador de necessidades especiais dentro dos diversos contextos sociais, a partir da reestruturação da sociedade, para atender às demandas dessa população. Nesse ponto, a deficiência passa a ser compreendida por meio do Modelo Social, em que ela deixa de ser um problema da pessoa e passa a ser um problema da sociedade.

No ambiente escolar, para Karagiannis, Stainback e Stainback (1999), o aluno tem que receber uma educação de qualidade que venha a atender suas necessidades educacionais, pois o movimento de inclusão defende a igualdade de direitos, e as diferenças passam a ser observadas como elemento enriquecedor no processo de aprendizagem e de inclusão.

Booth e Ainscown (2002) defendem que para que haja a verdadeira concretização da inclusão, exige-se da escola uma grande reestruturação, assim como da sociedade, no que tange às questões de cultura, políticas públicas e práticas escolares. Na escola, mostra-se a importância da atuação de um profissional de Educação Especial, que teria entre suas funções recrutar e organizar os recursos estratégicos da escola, formação e capacitação continuada dos professores, disponibilidades de recursos materiais e pessoais e o planejamento pedagógico, visando à eliminação de barreiras para aprendizagem.

Lopes (2011) afirma que a construção da nova escola inclusiva não será uma tarefa fácil, tendo em vista ter que se lidar com conceitos e preconceitos, tabus, mitos e emoções, sentimentos e motivações, responsabilidades, compromissos e valores em relação ao outro.

A educação vive hoje no florescer de um novo século, em um clima de nova tendência e em função de novos paradigmas educacionais. A inclusão de todos os alunos na escola oportuniza o acesso da educação de pessoas que historicamente têm ficado à margem do processo educativo. De acordo com Carvalho (2000), a inclusão do ponto de vista individual irá permitir que todos os alunos se desenvolvam entre a diversidade e as diferenças, por isso a inclusão representa um grande desafio para as escolas regulares.

## **O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

O professor de Educação Física é aquele que promove a saúde das pessoas utilizando as práticas de atividades físicas. De maneira geral, seu trabalho consiste em acompanhar e orientar as pessoas durante a prática de esporte ou exercício físico, e seu público vai desde crianças em idade escolar até a pacientes que precisam recuperar movimentos, idosos e atletas. O profissional da educação física pode atuar tanto na área escolar como não escolar. Nas escolas, é o profissional apto a interagir com todos os níveis de ensino, passando por todas as etapas escolares, abrangendo a Educação Infantil, os Ensinos Fundamental, Médio e Superior.

De acordo com Lima (2015), ao se definir a regulamentação da Educação Física como atividade profissional, foi identificada, paralelamente à importância de conhecimento técnico e científico especializado, a necessidade do desenvolvimento de competência específica para sua aplicação, que possibilite estender a toda a sociedade os valores e os benefícios advindos da sua prática.

As faculdades e universidades possuem por lei a prerrogativa de oferecer cursos em Educação Física em duas modalidades: licenciatura e bacharelado. Quando o curso é oferecido na modalidade de licenciatura, o acadêmico é preparado para ensinar, De acordo com Mendes e Prudente (2011), os cursos de Educação Física possuem duas Diretrizes Básicas Curriculares (DCN) distintas: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena (Resolução CNE/CP n. 1/2002) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena (Resolução CNE/CES n. 7/2004) (BRASIL, 2002; 2004).

Com base nessas diretrizes, o licenciado em Educação Física deverá ser preparado para atuar como professor da Educação Básica. Já o graduado (antigo bacharel) será formado para atuar no campo não escolar, em lugares como clubes, academias e outros campos que oportunizem práticas de atividades físicas, recreativas e esportivas. Assim, a licenciatura em Educação Física tem por objetivo a formação de professores que irão atuar na Educação Básica, e o bacharelado visa formar profissionais qualificados para analisar as condições sociais e nela intervir por meio de variadas modalidades de atividade física e esportiva, buscando inserir nessa sociedade um novo estilo de vida fisicamente ativo e saudável.

## **O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM O PORTADOR DE TDAH**

Quando uma criança que tenha algum tipo de distúrbio, como o TDAH, ingressa em uma escola, é natural que por causa do transtorno inicie-se a apresentação de problemas comportamentais, e assim apresenta-se o senso comum que diz para “deixar de lado”; “este não tem jeito”; “leva pra sala da diretora”; “dá um castigo” ou algo do gênero. No entanto, por trás do comportamento apresentado pelo aluno, existe o distúrbio que afeta não só o comportamento da criança como seu desenvolvimento escolar e social. Para a Associação Brasileira de Déficit de Atenção, o TDAH é considerado o distúrbio infantil mais comum e é tido como a principal causa de fracasso escolar.

Diante desse quadro, o papel do professor de Educação Física, mesmo que não esteja descrito como sua função, é suspeitar que o aluno possui algum problema e encaminhá-lo para um profissional com competência para fazer um diagnóstico correto e assim poder auxiliá-lo.

Observa-se que não existem na literatura ou nos estudos sobre o TDAH fórmulas definidas para detectá-lo, e sim indícios apresentados pelo indivíduo com o distúrbio. O diagnóstico é algo que precisa ser feito com maturidade e muita experiência, pois sabe-se que não existem exames complementares que por si só venham constatar ou diagnosticar o transtorno. Quando o TDAH é diagnosticado corretamente, a criança pode aprender a se adaptar à deficiência, uma vez que aprende a conhecer suas limitações e implicações que ela acarreta, por isso que com um tratamento adequado conseguirá levar uma vida tranquila.

O TDAH é considerado um distúrbio infantil que prejudica a aprendizagem no âmbito escolar, mesmo que o portador desse distúrbio demonstre interesse e capacidade de aprender. Para Barkley (2002), o diagnóstico de uma criança pode ser uma tarefa muito difícil, tendo em vista ela poder, de acordo com as situações que se apresentarem, dar indícios de outros sintomas clínicos, como o transtorno de aprendizagem, presente em 20 a 30% dos alunos com TDAH, ou o Transtorno Desafiador Opositivo, que ocorre em 50% das crianças com TDAH, e problemas de conduta, que atingem de 15 a 25% dos portadores do transtorno.

Existem na literatura que descreve o TDAH informações das mais variadas, apresentando todo tipo de dificuldades relativas à aprendizagem do portador do TDAH, mas o que é possível observar é que, infelizmente, o sistema educacional é desenvolvido para alunos que não apresentam nenhum déficit de aprendizagem, por isso não está preparado para receber uma criança com o diagnóstico nem tão pouco pode observar a possibilidade de um aluno ser portador de TDAH (BARKLEY, 2002).

Diante desse quadro, o professor, com experiência e criatividade, deve elaborar alternativas que lhe permita avaliar quais delas funcionam em cada situação, sendo capaz de conduzir sua aula para a melhor adequação ao estilo de aprendizagem da criança. Por essa razão, usar a

criatividade nas aulas é de grande importância, para que esta se torne atrativa, tanto para os portadores do distúrbio como para os demais alunos.

Dessa forma, o professor de Educação Física poderá ou deverá trabalhar com uma educação assistida, mesmo que não individualizada, pois o aluno tem que ter uma educação inclusiva que englobe todas as partes envolvidas: escola, família e sociedade (GIACOMINI; GIACOMINI, 2006). Além disso, a atividade física ajuda a diminuir o estresse e concentrar a atenção, pois propicia uma “válvula de escape” socialmente aceitável para a energia dessa criança (CRAFT, 2004).

Neira (2003) afirma que a prática pedagógica do professor deve estar pautada na cooperação e valorização dos estudantes com diagnóstico de TDAH. Assim, sugere que as atividades para crianças com TDAH necessitam ser sistematizadas e devem atuar contra a dificuldade de atenção, concentração e memória. Destaca-se que o relacionamento do professor de Educação Física com o aluno portador de TDAH está baseado em dinâmicas de grupos, atividades propostas pelo professor e desenvolvidas pelos alunos e desafios dados pelo professor com relação às experiências pessoais dos alunos.

Silva e Navarro (2012) afirmam que o professor da Educação Física, ao intervir com a criança, não poderá preocupar-se apenas com o conhecimento, os desafios e as atividades a serem desenvolvidas, realizadas de forma passiva, mas, ao contrário, o docente precisa considerar o aluno como um sujeito interativo e ativo no processo de construção do conhecimento.

Assim, o olhar do professor deve estar voltado ao processo de construção da cidadania do aluno, mas, para que esse processo ocorra, é necessário que o professor estabeleça um vínculo com o aluno e possibilite que este estabeleça vínculo com os demais alunos (RIZZO, 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com respeito às questões inerentes ao TDAH, é de suma importância que seja realizado um planejamento para que seja possível inserir e incluir o indivíduo com essa patologia. A inclusão, ainda que não seja uma realidade consolidada, indica que o aluno com TDAH pode e deve ser incluído nas aulas de Educação Física sem prejuízo para os demais alunos, ficando evidente que os exercícios físicos são parte de um planejamento que visa, de algum modo, contribuir para a minimização dos sintomas do TDAH.

Apesar de o aluno com TDAH ser considerado, de acordo com a LDB, alvo dos serviços de Educação Especial, a inclusão na escola deve ser pensada como um direito de todos, e não

apenas de alunos com deficiência, tendo em vista que as barreiras para a aprendizagem e participação não estão necessariamente vinculadas à deficiência.

O grande problema encontrado no âmbito escolar é o fato de alunos com TDAH não serem devidamente identificados e tratados como deveriam ser, por isso há um grande percentual de insucesso desses alunos, que devido ao seu temperamento não se ajusta bem com as expectativas da sociedade e da escola.

Diante desse quadro, surge a relevância e a importância do profissional da Educação Física no tratamento e desenvolvimento de aprendizagem cognitiva do indivíduo com TDAH. Essas características apresentam-se justamente na oportunidade que este tem de poder realizar um diagnóstico que lhe permita, com o auxílio de outros profissionais especializados, planejar e executar um planejamento que leve o aluno com o distúrbio a desenvolver seu potencial no que tange às questões de aprendizagem cognitiva.

Após realizar a presente pesquisa, é possível dizer que o desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva do indivíduo portador de TDAH poderá ser influenciado pela atuação do profissional da Educação Física. Por fim, entende-se que o profissional da Educação Física influencia, sobremaneira, no desenvolvimento do aluno portador de TDAH desde o momento em que consegue identificar esse distúrbio, encaminhá-lo a outros profissionais que o ajudarão a diagnosticar o problema e elaborar um planejamento educacional, não individual, que não deixe o aluno à margem do processo de aprendizagem. Permite-se assim que haja o desenvolvimento e o aprendizado cognitivo do grupo como um todo e que isso traga realmente a inclusão da criança no grupo escolar.

Entende-se que o assunto descrito neste trabalho não foi exaurido, pois não é o objetivo. No entanto, por ser um assunto de extrema relevância e que afeta tantas crianças, adolescentes e adultos, traz este trabalho o desafio a outros pesquisadores para a continuação dos estudos sobre o TDAH no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V**. Tradução de Dayse Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

AMÉRICO, P. D. C.; KAPPEL, N. R. R.; BERLEZE, A. **A criança com TDAH: análise do desempenho escolar e engajamento motor**. Cinergis, v. 17, n. 2, p. 150-156, 2016. Disponível

em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/7747/5864>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ANDRADE, M. C. L. A.; BONA, M.; PEREIRA, G. R. M. P. **Pedagogia e educação dos costumes num antigo livro infantil: Der Struwwelpeter**. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 30, n. 106, p. 131-149, 2009.

BARBOSA, E. S.; STEIN, L. M. **Cem anos de história do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 3, p. 228-234, 1999.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica – um guia de orientação para profissionais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BIEDERMAN, J.; FARAONE, S. V. **Attention-deficit hyperactivity disorder**. Lancet, v. 366, n. 9481, p. 237-248, 2005.

BLOCK, M. E.; OBRUSNIKOVA, I. **Inclusion in Physical Education: a review of the literature from 1995-2005**. Human Kinetics, v. 24, n. 2, p. 103-124, 2007.

BOOTH, T.; AISNCOW, M. **Index for inclusion: Developing learning and participation in schools**. [S.l.]: Centre for Studies on Inclusive Education, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 7, de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfísica.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parecer n. 11/2000**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 6 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 22 out. 2019.

BRZOZOWSKI, F. S.; CAPONI, S. **Determinismo biológico e as neurociências no caso do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade.** Physis – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 941-961, 2012.

\_\_\_\_\_. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade: classificação e classificado.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 19, n. 4, 2009.

BUSH, G.; VALERA, E.; SEIDMAN, L. **Functional neuroimaging of attention-deficit/hyperactivity disorder: a review and suggested future directions.** Biological Psychiatry, v. 57, n. 11, p. 1273-1284, 2005.

CALIMAN, L. V. **Notas sobre a história do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 1, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a05.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2019.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

COSTA, C. R.; MOREIRA, J. C. C.; SEABRA JÚNIOR, M. O. **Estratégias de ensino e recursos pedagógicos para o ensino de alunos com TDAH em aulas de Educação Física.** Revista Brasileira Educação Especial, Marília, v. 21, n. 1, p. 111-126, 2015.

COUTO, M. C. V.; DUARTE, C. S.; DELGADO, P. G. G. **A saúde mental infantil na saúde pública brasileira: situação atual e desafios.** Revista Brasileira Psiquiatria, v. 30, n. 4, p. 390-398, 2008.

CRAFT, D. H. **Distúrbios de aprendizagem e déficits de atenção.** In: WINNICK, J. **Educação física e esportes adaptados.** São Paulo: Manole, 2004.

DESIDÉRIO, R.; MIYAZAKI, M. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH): orientações para a família.** Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 11, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a18.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2019.

GIACOMINI, M. C. C.; GIACOMINI, O. **Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e educação física.** efdeportes.com, Buenos Aires, año 11, n. 99, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade como desenvolver a capacidade de atenção da criança.** Campinas-SP: Papyrus, 1994.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Fundamentos do ensino inclusivo.** In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. (org.). **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEGNANI, V. N.; ALMEIDA, S. F. C. **A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: uma discussão crítica.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v60n1/v60n1a02.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

LIMA, F. **O profissional da Educação Física e sua missão**. Portal da Educação Física, 17 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.educacaofisica.com.br/carreira-ef/o-profissional-de-educacao-fisica-e-sua-missao/>>. Acesso em: 16 out. 2019.

LOPES, M. L. C. **Inclusão, ensino e aprendizagem do aluno com TDAH**. 2011. 42 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão) – Universidade de Brasília, 2011.

MACHADO, G. **Sintomas do déficit de atenção com hiperatividade em pacientes adultos com epilepsia**. 2013. 25 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Cuidados Intensivos e Paliativos) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MENDES, C. L.; PRUDENTE, P. L. G. **Licenciatura x bacharelado: o currículo de Educação Física como arena de luta**, v. 21, n. 51, p. 97-108, 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/527/553>>. Acesso em: 6 out. 2019.

MOREIRA, S. C.; BARRETO, M. A. M. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: conhecendo para intervir**. Revista Praxis, Volta Redonda, RJ, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/1123/1013>>. Acesso em: 6 out. 2019.

NEIRA, M. G. **Educação física: desenvolvendo competências**. São Paulo: Phorte, 2003.  
NURCOMBE, B.; LECKMAN, J. **Current Diagnosis Treatment Psychiatry**. 2. ed. [S.l.]: McGraw-Hill, 2008.

OLIVEIRA, C. G.; ALBUQUERQUE, P. B. **Diversidade de resultados no estudo do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. Revista Psicologia, Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 25, n. 1, p. 93-102, 2009.

OLIVEIRA, S. S. P. **Thomas Bernhard e Peter Handke, Struwelpeter do teatro contemporâneo?** Anais ABRACE, v. 9, n. 1, 2008.  
<<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1430/1543>>. Acesso em: 6 out. 2019.

PHELAN, H. T. W. **TDA/TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: M. Books. 2005.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 2, 2005.

RAFALLOVICH, A. **Framing the ADHD child: History, discourse and everyday experience**. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of British Columbia, Vancouver, 2002.

RAMALHO, J. **Percurso e desenvolvimento dos Portadores da Perturbação hiperatividade com déficit de atenção**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 16, n. 2, 2010.

REGO, C. T. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RESENDE, E. **A História Completa do TDAH que você não conhecia**. Revista Psicoedu, 2016. Disponível em: <<https://www.psicoedu.com.br/2016/11/historia-origem-do-tdah.html>>. Acesso em: 6 out. 2019.

RIZZO, M. F. T. **A importância do educador físico no desenvolvimento de uma criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 5, n. 3, 2006.

SANTOS, L. F.; VASCONCELOS, L. A. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 26, n. 4, p. 717-724, 2010.

SHERRILL, C. **Adapted Physical Activity, recreation and sport: crossdisciplinary and lifespan**. New York: McGrawHill, 2004.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: TDAH – desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

SILVA, O. G.; NAVARRO, E. C. A. **A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar, v. 3, n. 8, p. 95-100, 2012.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: guia completo para educadores e pais**. Porto Alegre: Grupo A, 2012.

VASCONCELOS, M. M. et al. **Prevalência do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade numa escola pública primária**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 61, n. 1, p. 67-73, 2003.

WAGNER, A.; RIBEIRO, L. S.; ARTECHE, A. X.; BORNHOLDT, E. A. **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 12, n. 1, p. 147-156, 1999.

## ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III EM EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Vinícius Arnt<sup>1</sup>

José Augusto Deves<sup>2</sup>

Geórgia Massing<sup>3</sup>

Fabiana Ritter Antunes<sup>4</sup>

Eloísa de Souza Borkenhagen Bohrer<sup>5</sup>

Cristian Leandro Lopes da Rosa<sup>6</sup>

### RESUMO

Os estágios supervisionados são componentes obrigatórios na formação acadêmica dos cursos superiores, e nós como futuros professores precisamos estabelecer o diálogo entre a teoria aprendida no curso e a prática nas escolas, no campo do estágio. Este artigo vai tratar das experiências e relatos de vivências ocorridas no estágio curricular supervisionado em Educação Física III – Anos finais do ensino fundamental, onde as etapas foram construídas em observações e participação no cenário escolar, na aplicação de uma unidade didática para alunos no 6º e 9º ano, no âmbito escolar, como também com aulas remotas em virtude da Pandemia da Covid – 19 que estamos vivenciando no ano de 2020. Todas essas etapas vão estar descritas no presente artigo mediante essa escrita, descrevendo todas as aulas propostas e relato dos alunos e visões dos estagiários e professora. Este estágio se descreveu como rico espaço de inovação e adaptação ocorridos pelo momento que estamos passando e assim conseguindo dar continuidade ao ensino.

**Palavras – chaves:** Atividade Física, Educação Escolar, Ensino Remoto, Pandemia.

### ABSTRACT

Supervised internships are mandatory components in the academic training of higher courses, and we as future teachers need to establish a dialogue between the theory learned in the course and practice in schools, in the field of internship. This article will deal with the experiences and reports of experiences that occurred in the supervised curricular internship in Physical Education III - Final years of elementary school, where the stages were built on observations and participation in the school scenario, in the application of a didactic unit for students in the 6th and 9th grade, in the school environment, as well as with remote classes due to the Covid-19 Pandemic that we are experiencing in the year 2020. All these steps will be described in this article through this writing, describing all the proposed classes and student reports and visions of interns and teacher. This internship was described as a rich space for innovation and

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>3</sup> Professora regente do Estágio na escola.

<sup>4</sup> Docente do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>5</sup> Docente do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>6</sup> Professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário do Vale do Araguaia. E-mail: cristianlopes10@hotmail.com

adaptation that occurred at the moment we are going through and thus managing to continue teaching.

**Keywords:** Physical Activity, School Education, Remote Teaching, Pandemic.

## ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física é obrigatório e indispensável para a formação do acadêmico e sua identidade profissional. Assim ele é entendido como um campo de conhecimento que envolve reflexões e intervenções educacionais. De outro modo o estágio é uma preparação para o acadêmico se situar e produzir conhecimento sobre seu futuro profissional. Também é importante ressaltar que a disciplina orientadora deste Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física é indispensável, pois trabalha fundamentos que visam o conhecimento e métodos a serem desenvolvidos no estágio e no decorrer da carreira profissional.

Destacamos aqui também a importância na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que nos norteia acerca de o que trabalhar com respectivos anos e os conteúdos em si, também destacamos a importância do Plano Político Pedagógico (PPP), que nos norteiam de acordo com os ideais da escola.

Neste espaço podemos destacar as inquietações, descobertas, certezas e incertezas de nossas escolhas profissionais. Os acadêmicos nesse processo interagem com a realidade e sobre as ações que devemos nos propor a ser professores, criando nossas próprias formas de agir nas demandas impostas dia a dia no âmbito escolar. Assim podemos refletir sobre o Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física com os professores orientadores do mesmo.

Neste cenário, no período de ida a campo enfrentamos uma grande pandemia no cenário mundial, que exige distanciamento social e diferentes e novas formas de trabalhar e ensinar dentro das escolas, desta forma o Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física apresenta – se como um grande desafio, mas também um momento de rico aprendizado e aquisição de novas experiências.

O tema deste artigo é a educação física nas séries finais do ensino fundamental em tempos de pandemia como aliada para melhora da qualidade de vida dos alunos, ele se justifica a partir de um diagnóstico inicial com a professora de educação física da escola juntamente com as observações no PPP escolar e de orientações acerca de atividades que a professora queria para o período do estágio. Também como vivemos em tempos de pandemia, isso também teve influência para a escolha do tema, pois as atividades deveriam inicialmente serem mais

individuais e com pouco uso de materiais, pois os alunos são de classe média baixa, carentes, e abandonados pelos pais, pois a maioria dos alunos são do Lar Bom Pastor de Ivagací.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é do tipo qualitativo, realizado no período de outubro a dezembro de 2020 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Tenente Antônio João, no município de Boa Vista do Buricá, Rio Grande do Sul, com as turmas do 6º e 9º ano do ensino fundamental, durante o período de Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física.

Adotada pela escola devido a pandemia da Covid-19 foi o envio de atividades por via física para os alunos pois os mesmos não possuem acesso a plataformas online para o uso nas aulas remotas, assim que o governo estadual liberou o retorno das aulas no formato presencial (mês de novembro), o componente curricular de Educação Física retornou também, porém de maneira adaptada, sem contato físico e aulas em grupos, desta forma foi utilizada a metodologia de aulas teóricas.

As aulas foram elaboradas conforme a BNCC e o PPP sendo estruturadas pelas habilidades e competências selecionadas em conjunto com a professora orientadora do estágio. As aulas foram divididas em momentos teóricos onde foi enviado o material para os alunos realizarem a leitura e respondessem as atividades propostas sobre o tema abordado, a parte prática foi desenvolvida uma explicação sobre como deveria ser realizada a atividade e em seguida solicitado que a mesma fosse realizada, as atividades tiveram orientação e observação do cuidador dos alunos, já que os mesmos vivem em um orfanato e não possuem outra assistência.

Desta forma os objetivos iniciais foram reconhecer os diferentes tipos de esportes e suas regras específicas, os diferentes tipos de ginásticas e suas classificações, bem como conhecer métodos de vida saudável e a importância da atividade física para uma melhor qualidade de vida. Criar vínculos e relações de respeito aluno-professor, adquirir e transmitir confiança a toda turma.

## **RESULTADOS ENCONTRADOS NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO**

A Educação Física Escolar tem como finalidade trabalhar o corpo e os movimentos com finalidade de lazer e cultura, expressão de sentimentos, afetos e emoções (instrumentos de

comunicação); possibilitando a promoção, recuperação e manutenção da saúde (benefícios fisiológicos e psicológicos) (BRASIL, 1997).

Os **Jogos** ajudam no progresso mental e moral, desenvolvimento da inteligência, aspectos psicomotores, relações sociais e afetivas, exigindo atitudes tático-estratégicas. Porém, a motivação e o interesse dos alunos são essenciais para que os jogos tenham de forma efetiva esses aspectos no desenvolvimento dos estudantes (KRAMER; CARASEK JUNIOR, 2010).

Para Brotto (2006) o excesso da competição traz sérios problemas que ele demonstra quando compara os jogos (quadro 1), hoje esses problemas estão presentes na nossa sociedade e para mudar os professores devem utilizar métodos que priorizem a cooperação para as nossas crianças.

Quadro 1 – jogos competitivos x jogos cooperativos

<b>Jogos Competitivos</b>	<b>Jogos Cooperativos</b>
São divertidos para alguns.	São divertidos para todos.
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota.	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória.
Aprende-se ser desconfiado, egoísta ou se sentirem melindrados com os outros.	Aprende-se a compartilhar e a confiar.
Os perdedores ficam de fora dos jogos e simplesmente se tornam observadores.	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades.
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de “ruim” acontece aos outros.	Aprende-se a solidarizar com os sentimentos dos outros, desejando também o seu sucesso.
Os jogadores são desunidos	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade.
Os jogadores perdem a confiança em si mesmo quando eles são rejeitados ou quando perdem.	Desenvolvem a autoconfiança porque todos são bem aceitos.
Pouca tolerância a derrota, desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência frente a dificuldade.	A habilidade de perseverar frente as dificuldades são fortalecidas.
Poucos se tornam bem sucedidos.	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver.

Fonte: BROTTTO (2006)

A partir dos resultados obtidos nas aulas de Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física podemos citar que na primeira aula que abordou o tema de jogos cooperativos x competitivos, grande parte dos alunos conseguiu realizar as atividades propostas demonstrando ter compreendido o que lhes foi solicitado.

Desta forma, a maneira avaliativa adotada foi analisar as atividades realizadas pelos alunos no período de aulas assíncronas, onde foi possível identificar que a maioria dos alunos conseguiu compreender a proposta e responder de maneira assertiva o que lhes foi solicitado.

Dando sequência às aulas no período de pandemia da Covid 19, o meio selecionado pela escola continuou sendo a entrega das atividades por via física, tendo em vista que os alunos da instituição não possuem acesso aos meios digitais, sendo assim a segunda aula proposta foi sobre esportes que marca, onde foi solicitado que os alunos conhecessem mais sobre os esportes de marca e falassem sobre o conhecimento que possuíam dos mesmos previamente.

Assim pode se perceber que os alunos não tinham muito conhecimento sobre essa modalidade, pois conforme as atividades devolvidas por eles não houve um grande número de acertos nas questões que envolviam o conhecimento prévio sobre o assunto, a principal dificuldade encontrada foi que 90% da turma acabava confundindo os esportes de marca com os esportes de precisão.

Esportes de "marca": são aqueles nos quais o resultado da ação motora comparada é um registro quantitativo de tempo, distância ou peso. Já os esportes de precisão são aqueles nos quais o resultado da ação motora comparada é a eficiência e eficácia de aproximar um objeto ou atingir um alvo (GONZÁLEZ, 2004).

Levando em consideração os achados durante as correções das atividades, ressalta-se a importância de retomar o assunto no decorrer das próximas aulas para sanar as principais dúvidas encontradas pelos estudantes. Outra análise realizada é a importância da prática desses esportes com os alunos, pois sabe-se que na prática esportiva é mais fácil a compreensão de cada um dos tipos de esporte, mas em virtude da pandemia não foi possível realizar essa prática. Então deixamos como sugestão para professora assim que for possível o retorno das aulas práticas e em grupo se retome esse assunto para que os alunos possam ter o momento da aula prática.

Na continuidade das aulas assíncronas foi abordado com as turmas o conteúdo ginásticas e condicionamento físico. Para o desenvolvimento deste conteúdo, foi solicitado aos alunos que buscassem sobre a história, tipos e a sua relação com o condicionamento físico, para que posteriormente realizassem um questionário sobre o tema.

Foi observado que os alunos ainda apresentavam dificuldades em classificar cada tipo de ginástica apresentada. Portanto, há ainda a necessidade de trabalhar essas modalidades de forma prática onde consigam observar claramente a diferença entre elas. Sabe-se também da dificuldade que se encontra em trazer essas modalidades para sala de aula pelo pouco preparo encontrado nas escolas públicas e em tempos de pandemia essa dificuldade aumenta pois não

se pode ter contato físico e todo material deve ser higienizado após cada uso, assim tornando-se neste momento inviável ter essas aulas de forma prática.

Na Educação Física escolar, a ginástica predominante é aquela relacionada com o esporte - ginástica artística e ginástica rítmica, as quais estão relacionadas com as normas preestabelecidas pela sociedade, principalmente com a restrição imposta pela mídia às outras modalidades e também pelo despreparo ou pela limitação dos docentes e que são os responsáveis pela disseminação dos conhecimentos relacionados à ginástica (FERREIRA; RODRIGUES, 2014).

Em subsequência as aulas retornaram para o formato presencial porém sem aulas práticas, nessa aula foi abordado a classificação dos esportes, onde foi introduzido o conteúdo em forma de debate com as turmas, onde os alunos deveriam argumentar quais os conhecimentos acerca do conteúdo. Em seguida foi passado um questionário sobre os tipos de esportes, onde a maioria dos estudantes conseguiu realizar as associações de forma corretamente.

Dando sequência na aula foi trabalhado sobre os esportes de invasão, o qual consideramos ser mais relevante para prática educacional. Inicialmente foi notado que os alunos não possuíam conhecimento sobre o tema, depois de explanar sobre o assunto os alunos compreenderam o tema e realizaram as atividades de maneira correta.

De acordo com Parlebás (2001), classificação ocorre a partir do pré-estabelecimento de critérios, possibilitando a organização de certos elementos em uma determinada quantidade de categorias. Sendo assim, entende-se que a classificação atende ao desejo de organizar um conjunto de objetos ou fenômenos, facilitando a análise dos elementos em questão.

Em relação ao grupo de esportes que apresentam a coletividade, equipe oponente, a utilização de bola e a invasão territorial, como, por exemplo, basquetebol, handebol e futebol, autores da pedagogia do esporte, nos últimos anos, vêm demonstrando atenção acentuada, sendo estruturadas propostas pedagógicas para o trato de modalidades que possuem essas características (BARROSO; DARIDO, 2019).

Dando continuidade nas aulas no formato presencial o tema abordado foi futsal, onde foi realizada uma conversa com os alunos sobre o tema, onde os mesmos demonstraram muito interesse e conhecimento. Após o debate os alunos tiveram que responder um questionário sobre a origem e história, regras e posições do futsal, para responder esse questionário lhes foi entregue o material de apoio no qual constava esses temas.

O fato é que o Futsal, ao tornar-se uma prática escolar, acabou por incorporar as regras, os conteúdos e a normatividade do esporte de alto nível. As propostas, em geral, que projetam

o ensino do futsal na escola, numa vertente tradicional, não conseguem romper com o particularismo da “modalidade futsal”, tornando-se reféns de perspectivas esportivistas de ensino. A escola não seria nada mais do que um celeiro de atletas para o esporte de alto nível.

O trabalho do planejamento em aulas de Educação Física não deveria ultrapassar questões referentes aos próprios fundamentos da modalidade e a metodologia de ensino nas mesmas se resumiria a problemas de ordem técnica e normativa (HAAS, 2013).

Voser & Giusti (2002), por exemplo, destacam alguns elementos básicos que podem ser utilizados no aperfeiçoamento dos gestos técnicos e táticos do futsal. Nos técnicos aparecem: condução, passe, chute, domínio, drible, finta, marcação e cabeceio. Para que os alunos entendam a parte tática é importante esclarecer que dentro do desenvolvimento do esporte futsal, todos devem atuar nas diferentes posições e nos diferentes setores da quadra, desempenhando e respeitando as posições de jogo. São elementos básicos da tática no futsal segundo Voser & Giusti (2002): conservar a posse da bola, passar e seguir, criar espaços para receber a bola; observar antes de passar; movimentos de rodízio, criar linha de passe, orientar-se no espaço etc.

A Educação Física passou por várias mudanças bem significativas desde o seu surgimento, teve crise em sua identidade em relação à educação física escolar. Mas conforme citado pelos autores acima, a educação física tem sua importância, e ela é muito significativa para o aprendizado dos alunos. Porém para que esse aprendizado seja de fato concretizado é preciso que o professor também exerça o seu papel com responsabilidade e dedicação. Segundo Gallahue & Donnelly (2008), a escola é o único lugar em que nós podemos garantir que todas as crianças terão um tempo dedicado à instrução.

Pensando nisso podemos dizer que as aulas de educação física precisam ser acompanhadas e monitoradas por um professor, e que as mesmas precisam ser planejadas com bons objetivos, propósitos e metodologias para que aconteçam feedback entre professor e aluno, e o resultado seja alcançado. Neste contexto podemos concluir que a educação física escolar foi renovando-se, até chegar a atual, e que hoje ela tem um objetivo diferente, pode até mesmo conter características semelhantes com as tendências anteriores, mas de qualquer forma a Educação Física foi adequada ao tempo atual para suprir as necessidades do mundo contemporâneo, um exemplo disso é o sedentarismo que vem sendo um problema entre os adolescentes, e que devem ter uma atenção especial já que este problema está diretamente relacionado à área da educação física (KIESSLER, 2015).

Assim podemos destacar mais uma vez a importância da Educação Física no ensino básico, pois além dos conteúdos programáticos básicos os alunos passam a conhecer mais sobre a importância das atividades físicas na vida das pessoas e sua importância na qualidade de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desta forma podemos afirmar que a Educação Física no ensino fundamental é uma disciplina fundamental para a formação dos estudantes, podemos observar também que o conhecimento dos alunos é baseado no tradicional, nos esportes mais conhecidos e relatados pela mídia, assim destacamos que os alunos precisam conhecer os outros tipos de esportes pois eles apresentam importantes características a serem trabalhadas no ambiente escolar.

Podemos destacar também que os alunos gostam das aulas e apresentam interesse em aprender o que lhes foi proposto. A maior dificuldade encontrada foi em decorrência ao tempo de pandemia e as aulas não poderem ser de forma prática, percebeu-se nos alunos a falta desses momentos que eles podiam ter contato uns com os outros e praticar alguma atividade. Outra grande dificuldade encontrada foi a maneira encontrada pela escola para trabalhar as aulas no período de distanciamento social, a metodologia abordada foi enviar as atividades por via física em virtude de os alunos não terem acesso às plataformas digitais, assim dificultou a interação entre aluno-professor, pois apenas com os feedbacks escritos não podemos visualizar de maneira clara se os alunos realmente compreenderam as atividades.

No feedback enviado pela escola e pela professora regente da turma, obteve-se um resultado satisfatório em relação às aulas elaboradas, a diretora também mencionou que notou os estagiários entrosados, demonstrando uma boa relação com os alunos e demais professores, além de conseguirem abordar os conteúdos de maneira satisfatória mesmo em período de pandemia, o que de maneira geral foi um grande desafio para escola em todas as áreas do conhecimento.

Mesmo em tempos de pandemia podemos concluir que o Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física, foi de extrema relevância para nossa vida acadêmica e futuramente profissional pois estaremos preparados para qualquer maneira de ensino que encontrarmos.

## REFERÊNCIAS

ARANDA, R. A. PETRUY, C. A ginástica na escola. **8º Conpef**, v. 8. Londrina, 2017.

BARROSO, A. L. R. DARIDO, S. C. Compreensão e avaliação de um modelo de classificação do esporte na educação física escolar: visão de professores. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, v. 17, p. 1-21, Campinas, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: O Jogo e o esporte como um exercício de convivência. **Renovada**, v. 3. São Paulo: Santos, 2006.

FERREIRA, F. G., RODRIGUES, M. C. A prática pedagógica da ginástica geral nas escolas públicas de Barra do Garças (MT). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 13, n. 2, p. 65-79, São Paulo, 2014.

GALLAHUE, D. L; DONNELLY, F. C. Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças. **Phorte**, v. 4, São Paulo, 2008.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista digital - Edfespot.com**, v.10, n.71, Buenos Aires, 2004.

HAAS, L. B. **O ensino do futsal na escola: a perspectiva pedagógica assumida pelos professores de educação física**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí, 2013.

KIESSLER, D. S. **Educação Física escolar e o sedentarismo**. Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Educação Física da Unijuí - Campus Santa Rosa, Santa Rosa, 2015.

KRAMER, E. C.; CARASEK JUNIOR, L. As Contribuições do Jogo como Conteúdo da Educação Física Escolar. **Revista Ciência do Esporte**, v. 27, n. 2, Chapecó, 2010.  
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual de Ensino Fundamental Tenente Antônio João. Boa Vista do Buricá, 2020.

VOSE, R. da C.; GIUSTI, J. G. O. Futsal e a Escola: Uma Perspectiva Pedagógica. **Artmed**, Porto Alegre, 2002.

## A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Willian Nascimento de Oliveira<sup>1</sup>

Veronica Jocasta Casarotto<sup>2</sup>

Cristian Leandro Lopes da Rosa<sup>3</sup>

Fabiana Ritter Antunes<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão e Curso tem como objetivo analisar a importância do professor de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente do primeiro ao quinto anos. A princípio, analisa-se a importância da formação desse profissional no desenvolvimento de atividades recreativas, esportes, jogos e no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em obras de autores especialistas da área e em documentos emitidos pelo Ministério da Educação. Dessa forma, pôde-se observar a visão dos professores do Ensino Fundamental I sobre as aulas ministradas pela unidocência, temática essa abordada ao longo do trabalho. Ao final, serão relacionadas as conclusões referentes ao tema abordado com as atividades desenvolvidas, o currículo, o Projeto Político-Pedagógico e as leis específicas que abordam a formação docente em Educação física. Esta pesquisa será apresentada em capítulos e subcapítulos, buscando analisar a importância do professor de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua ação no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação Física. Ensino-aprendizagem. Formação Docente.

### ABSTRACT

The aim of the present paper is to analyze the importance of the Physical Education teacher in the early years of elementary school, specifically from the first to the fifth years. At first, we analyze the importance of training this professional in the development of recreational activities, sports, games and cognitive development of students. To this end, a bibliographic search was carried out in works by experts in the field and in documents issued by the Ministry of Education. Thus, it was possible to observe the view of the elementary school teachers about the classes taught by unidengencia, a theme that was addressed throughout the work. At the end, the conclusions related to the theme, activities developed and the curriculum and the Political-Pedagogical Project will be related, as well as the specific laws that address the teacher education in Physical Education. This research is developed in chapters and subchapters, seeking to analyze the importance of the physical education teacher in the early years of elementary school and his action in the process of development of teaching and learning.

**Keywords:** Physical Education. Teaching and learning. Teacher training.

<sup>1</sup> Professor de Educação Física pela AJES.

<sup>2</sup> Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUC/RS.

<sup>3</sup> Mestre em Educação Física pela UFPel.

<sup>4</sup> Mestre em educação Física pela UFSM.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma disciplina obrigatória nas escolas, e seu desenvolvimento é específico para cada etapa de ensino e aprendizagem. Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a Educação Física dá continuidade ao trabalho realizado na Educação Infantil, desenvolvendo atividades lúdicas que ajudarão a criança na sua vivência escolar.

O professor de Educação Física conta com o auxílio do documento criado pelo Ministério da Educação chamado Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para compreender as especificidades de cada fase e assim desenvolver de modo positivo seu trabalho. A BNCC visa regulamentar as aprendizagens necessárias que devem ser trabalhadas nas escolas brasileiras, tanto públicas como privadas, de todas as etapas de ensino, garantindo assim o direito à aprendizagem de todos os cidadãos (BRASIL, 2017a).

A BNCC (BRASIL, 2017a) enfatiza os aspectos culturais das vivências e das práticas corporais, mostrando, dessa forma, a importância da Educação Física para os alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental, visto que integram, socializam e participam das atividades propostas. Além disso, o documento estabelece dez competências específicas no que diz respeito à formação do aluno durante seu trajeto escolar e às unidades temáticas que serão abordadas ao longo do Ensino Fundamental, contendo dimensões do conhecimento adequadas para cada faixa etária. Ao professor cabe seguir as orientações desse documento no decorrer do ano letivo.

Para que os alunos tenham progressão de seus conhecimentos, a BNCC (BRASIL, 2017a, p. 30) apresenta “os objetos de conhecimento e as habilidades definidas para cada ano (ou bloco de anos)”. Conforme o texto desse documento, “para assegurar o desenvolvimento das competências específicas de área, a cada uma delas é relacionado um conjunto de habilidades, que representa as aprendizagens essenciais a ser garantidas no âmbito da BNCC a todos os estudantes” (BRASIL, 2017a, p. 33). Vale ressaltar que as habilidades têm em comum as seguintes características: respeito, cultura e importância de práticas corporais sem preconceitos.

Diante do exposto, pretende-se com esta pesquisa compreender a atuação do professor unidocente ao ministrar aulas de Educação Física. Mais especificamente, busca-se entender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como compreender as estratégias e metodologias utilizadas pelo professor.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Conforme Gil (2002, p. 133), “a análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. Nesse sentido, destaca-se que nesta pesquisa foram utilizadas diferentes fontes, tais como revistas e artigos acadêmicos, que nortearam e auxiliaram o estudo. Quanto à pesquisa bibliográfica, Gil (2002, p. 44) afirma que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Esta pesquisa utiliza-se de documentos na contextualização de histórias e fatos sobre o tema, com o objetivo geral de investigar e levantar informações reais de diversos autores e referências para se chegar à conclusão do trabalho documental. Cabe destacar que a pesquisa documental construída neste trabalho se baseia em diversas fontes documentais necessárias para o embasamento teórico-científico.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Na atualidade, a organização da educação no Brasil tem um novo documento que orienta as instituições de ensino de todo o país, tanto públicas quanto particulares: a nova BNCC, que foi publicada em 2017. Trata-se de um conjunto de conhecimentos que os alunos têm o direito de aprender. A BNCC tem como referência os currículos. Entende-se que a BNCC não é classificada como um currículo, e sim como a estrutura do currículo.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210, prevê a criação de uma Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental: “serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Além da Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em seu artigo 26-A, determina a adoção de uma Base Nacional Comum Curricular para a educação básica (BRASIL, 2017b). Tal documento explicita que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2017b, p. 21).

Há também as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, que elucidam sobre uma Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2013):

A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de “conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.

A interdisciplinaridade é um tema abordado na BNCC e ocorre quando o conhecimento é transmitido por meio de disciplinas que englobam o conhecimento de forma geral. Segundo Dória (2011, p. 2), “a interdisciplinaridade ocorre a partir do diálogo entre as disciplinas, eliminando as barreiras artificialmente postas entre os conhecimentos produzidos em cada campo distinto que em seu todo”. Entende-se assim que interdisciplinaridade é o processo que faz ligação entre todas as disciplinas, facilitando o conhecimento individual e coletivo dos alunos em todas as áreas do conhecimento.

As dez competências gerais da BNCC são um conjunto de habilidades e atitudes de grande importância do conhecimento que direciona os professores a trabalhar de forma inclusiva os conteúdos da parte física, emocional e cultural dos alunos: valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de

conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017a, p. 9-10).

Após esse contexto, o próximo capítulo abordará o desenvolvimento da aprendizagem motora da criança.

## **DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM MOTORA DA CRIANÇA**

O desenvolvimento motor da criança está relacionado a fatores individuais e ambientais, por isso pode-se dizer que está ligado às atividades relacionadas a esportes, danças e brincadeiras. Nesse sentido, as crianças têm muito a ganhar, melhorando seu desenvolvimento e levando esse aprendizado para toda a vida.

A criança cognitiva e fisicamente normal progride de um estágio a outro, de maneira sequencial, influenciada tanto pela maturação quanto pela experiência. As crianças não contam somente com a maturação para atingir o estágio maduro de suas habilidades motoras fundamentais (GALLAHUE; OZMUN, 2005). As crianças têm desenvolvimentos diferentes, pois isso depende muito do ambiente em que está inserida.

Gallahue e Ozmun (2005) afirmam: “em algum período, nos seus 7 ou 8 anos de idade, as crianças geralmente entram em estágio de habilidade motora transitório”. Entende-se

assim que as crianças, de modo geral, estão melhorando seu condicionamento físico, levando em consideração suas habilidades, sendo aprimoradas de atividade para atividade. Ressalta-se que, independentemente de sua condição física, a criança passa a ter melhor desempenho de acordo com seu tempo e idade (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Nota-se que a Educação Física em si é ampla não somente na educação, e sim em parques, praças, empresas e academias, tendo amplo campo profissional, uma vez que as pessoas buscam cada vez mais ter hábitos saudáveis (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

A regulamentação da atividade do profissional de Educação Física precisou de décadas de estudos e documentos, congressos e reuniões para que hoje seja responsável pela disposição diária de prática de exercícios, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida.

A profissão de educador físico só foi reconhecida em 1998:

A Lei 9696/98, que regulamenta a profissão do educador físico, indica em seu Art. 3º as competências do profissional: coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto (BRASIL, 1998b).

Observa-se a importância de se ter um profissional nas escolas, em parceria com o professor da unicodência regente do Ensino Fundamental, e para a sociedade de um modo geral.

A Educação Física escolar é de fundamental importância na vida das crianças, pois é lá que tudo começa. Santana e Costa (2016, p. 8) afirmam que “cabe também à Educação Física Escolar a responsabilidade de lidar de forma específica com alguns aspectos relativos aos conhecimentos”. Estes são em prol da criança, que ao brincar desenvolve suas habilidades motora e corporal, seu raciocínio lógico e o espírito de equipe, aos poucos superando sua timidez e interagindo com seu meio.

A LDB destaca em seu art. 26, § 3º, que:

A Educação Física, integrada à proposta da escola, é componente curricular educação infantil e do ensino fundamental, sendo sua prática facultativa ao aluno:  
 I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade;  
 – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;  
 – amparado pelo Decreto-Lei n. 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (vetado);  
 VI – que tenha prole (BRASIL, 2017b, p. 20).

Esse artigo não enfatiza qual professor, e sim quem será responsável pela ministração das aulas na disciplina de Educação Física nos anos iniciais, ficando de inteira responsabilidade do professor do magistério unidocente com formação específica em Pedagogia responsável pelas aulas de Educação Física.

Libâneo (1994, p. 149) vem destacando que “o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos”. Assim sendo, se o aluno estiver em condições desfavoráveis para desenvolver certas atividades físicas, cabe ao professor liberá-lo das aulas práticas, mas o incluir em outras atividades recreativas para socializá-lo com outras crianças da escola.

Mattos e Neira (2006, p. 67) afirmam que “a Educação Física é considerada hoje um meio educativo privilegiado, na medida em que abrange o ser na sua totalidade”. As aulas devem ser bem atrativas e divertidas, para que os alunos possam demonstrar interesse em participar das atividades, e não o contrário. Para isso será preciso uma didática do professor para incentivar esse aluno a participar das aulas diárias, visto que ele vai perdendo a vontade de competir para ficar isolado no celular e em outros aparelhos. Assim, Santana (2012, p. 8) afirma que “a informática, juntamente com a tecnologia, substituiu os jogos e brincadeiras nas ruas, propiciando o sedentarismo entre as crianças”.

As aulas de Educação Física no ambiente escolar devem ser aproveitadas ao máximo, para que os alunos desenvolvam suas habilidades.

## **DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA**

O desenvolvimento motor é um processo de mudança no comportamento da criança, que tem relação com a idade, modificando a postura e o movimento dela. Pode-se dizer que é um processo de aprendizagem que o indivíduo adquire a partir do nascimento até a fase adulta. Segundo Barreiros (2016, p. 5), “desenvolvimento motor se entende o conjunto das alterações comportamentais, dos movimentos”.

Ao ser gerada, a criança inicia seu trajeto motor; após o nascimento, ela começa a se movimentar, iniciando assim seu ciclo de desenvolvimento motor e aprendizagem. A criança move-se para o primeiro passo, levanta se segurando em móveis, pega objetos e dá seus primeiros passos até a fase do andar. As crianças gostam de reproduzir tudo o que observam em seu meio (TAKIUT, 2009, p. 19).

O desenvolvimento motor é definido por várias características primeiro, é um processo contínuo de mudanças na capacidade funcional. Pense na capacidade funcional sendo a capacidade de existir – viver, mover-se e trabalhar – no mundo real. Esse é um processo cumulativo, em que os organismos vivos estão sempre em desenvolvimento, mas a quantidade de mudanças pode ser mais ou menos observável ao longo da vida (KATHLEEN; HAYWOOD, 2016, p. 4).

Dessa forma inicia-se o processo de locomoção, ou os primeiros níveis de locomoção de uma criança: “os primeiros tipos de locomoção exibidos são, normalmente, o engatinhar, mover-se sobre a mão e joelho e o rastejar, mover-se sobre as mãos e o abdome” (KATHLEEN; HAYWOOD, 2016, p. 123). Entende-se que uma criança, ao desenvolver as habilidades do engatinhar até a fase do andar, desenvolve uma gama de aprendizagem. Ralar os joelhos, o medo de cair ao soltar as mãos e levantar segurando-se em um móvel, por exemplo, desenvolvem as habilidades de andar. Ao ser estimulada pelos pais a andar, por palmas ou danças, a criança desenvolve a confiança.

Gallahue e Ozmun (2005, p. 6) afirmam que o “desenvolvimento é relacionado à idade, mas não depende dela”. Durante esse desenvolvimento, pode haver mudanças de comportamento adquiridas pela criança em cada fase, pois a criança começa a entender e reivindicar o que é seu, e isso será relacionado conforme a idade de cada criança.

Os autores relatam que “O desenvolvimento motor é um processo contínuo que se inicia desde a concepção até a morte” (GALLAHUE; OZMUN, 2005, p. 6). A criança evolui conforme etapas de desenvolvimento motor. Observa-se que a capacidade motora é um conjunto de habilidades e aprendizagens que a criança adquire com o passar do tempo.

Barreiros (2016) corrobora afirmando que o “desenvolvimento humano é um longo processo que tem início cerca de 40 semanas antes do nascimento e que termina com a morte”. Desse modo, entende-se que a partir da concepção o desenvolver humano é constante, uma junção de aprendizagem adquirida ao longo do processo da vida.

Num sentido o desenvolvimento engloba a aprendizagem, visto que ele se refere ao processo de mudanças no comportamento ao longo da vida. Assim, embora a aprendizagem seja voltada para a realização de um objetivo específico (por exemplo, aprender a andar de bicicleta) ela é dependente do que foi adquirido até então. Da mesma forma, a habilidade a ser adquirida passará a fazer parte do repertório de experiências que poderão influenciar aquisições futuras (MANOEL, 1994, p. 84).

Para uma criança ter a capacidade de aprender, ela precisará em um primeiro momento de um exemplo a seguir. Ela observa os integrantes de sua família agir e movimentar-se, e em pouco tempo reproduz o que presenciou: “A criança desde o nascimento necessita da mediação do outro para se desenvolver” (HANK, 2006, p. 1).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998a, p. 21-22) refere que: “as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”. Uma criança vai aprendendo aos poucos na sociedade e no ambiente em que vive. Ela é “profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca” (BRASIL, 1998a). Sabe-se que toda criança deve ser respeitada, amada e cuidada em seu processo de desenvolvimento no “seio familiar.” O RCNEI (1998a, p. 24) esclarece que “O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde”.

## **PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

O professor de Educação Física tem um papel de suma importância na escola, assim como os demais professores em suas disciplinas, pois possibilita aos alunos descontração e quebra de rotina de sala de aula e trabalha a saúde e o bem-estar dos alunos.

Zunino (2008, p. 5) afirma que “a Educação Física deve trabalhar o afetivo e o cognitivo de forma conectada ao trabalho com os aspectos motores”, com princípios de inclusão e diversidade, dando oportunidade a todos de forma igualitária, respeitando suas capacidades conforme sua idade ou dificuldade. O professor deve conhecer seus alunos e incluir todos nas atividades propostas, para que sintam o acolhimento e extravasem suas energias.

Essa disciplina melhora a convivência entre os alunos, pois proporciona respeito, determinação, concentração, solidariedade e trabalho em equipe. O papel do professor é instigar os alunos para que pratiquem atividades físicas e participem das aulas, oferecendo melhores condições de compreender e participar das aulas. Sendo assim é necessário que o professor de Educação Física elabore planos de acordo com as características físicas de seus alunos, pensando sempre na socialização e interação de cada um. Zunino (2008, p. 5) elucida: “Além disso, tais atividades devem auxiliar na conexão entre os conteúdos escolares e o cotidiano”, ou seja, as atividades devem ser desenvolvidas de acordo com a capacidade motora de cada um.

A ligação entre a capacidade motora e os conteúdos escolares deve ser uma junção do conhecimento estimulando seu desenvolvimento em seu cotidiano. Assim sendo, essa

proposta educacional pode considerar a criança um “sujeito” em fase de desenvolvimento:

Torna-se imprescindível compreender a Educação Física como disciplina que desenvolve pedagogicamente os elementos da cultura corporal de movimento para propiciar aos alunos: conhecimento, vivência e incorporação das práticas e saberes relativos ao corpo (ARLINDO JÚNIOR; JOÇAS, 2012. p. 3).

Observa-se que a cultura corporal de movimento é o ato de se movimentar que a criança adquire observando e praticando ao longo de sua vida: jogos, danças, ginástica, lutas e esportes de forma lúdica. Arlindo Júnior e Joças (2012, p. 3) afirmam que “as atividades lúdicas são elementos importantes do dia a dia das crianças”, uma vez que aprendem brincando e compartilhando suas habilidades.

Para compreender a importância da Educação Física no Ensino Fundamental, deve-se refletir sobre o papel da própria educação nesse nível de ensino, pois ela não deve estar desconectada do que é proposto no ambiente escolar.

A educação que estamos considerando aqui é a que faz o educando pensar, refletir, compreender o mundo em que está inserido, se entenda como um ser atuante no mundo, nas quais todas as suas ações vão ter consequências, positivas ou negativas, se entenda como um sujeito que faz a história. E entenda, ainda, que depende dele, ser ético e analisar o que seja melhor dentro das suas possibilidades (COSTA; PEREIRA; PALMA, 2009, p. 3).

Os jogos lúdicos e até mesmo o esporte coletivo auxiliam no melhor comportamento da criança, que aprendem a ter disciplina e a seguir regras que não estão acostumadas no ambiente em que vivem e convivem, sendo algo totalmente diferente e novo. É importante que elas saibam que para participarem das atividades propostas precisam ser disciplinadas de acordo com as regras impostas pelo professor de Educação Física, que é um profissional indispensável nas escolas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho possibilitou compreender a importância do professor de Educação Física em ministrar aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sabe-se que a Educação Física é de suma importância para todas as fases do ensino, principalmente para os alunos do fundamental I, pois trabalha o cognitivo e as primeiras relações sociais das crianças. Por intermédio dessa disciplina que as crianças passam a desenvolver atividades em equipe, socializando e aceitando suas limitações.

A Educação Física integra culturas locais e regionais, relacionando-as sobretudo em datas comemorativas voltadas à valorização da cultura e expressando sua importância. Assim, defende-se a ideia de que o ensino de Educação Física é relevante para o desenvolvimento integral, emocional, cultural, social e físico, bem como para uma melhor convivência dos alunos em seu meio. Além de desenvolver os aspectos cognitivos e motores, há também a formação de cidadãos críticos

Esta pesquisa busca contribuir para a área de Educação Física e para o incentivo a pesquisas que abordem questões sobre a importância do professor de Educação Física. Por fim, espera-se que sejam produzidos mais estudos sobre o tema abordado, a fim de valorizar a temática em questão.

## REFERÊNCIAS

ARLINDO JÚNIOR, F. L.; JOÇAS, E. S. Educação Física no Ensino Fundamental I: período precioso para Educação. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, año 17, n. 175, 2012. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd175/educacao-fisica-no-periodo-precioso.htm>>. Acesso em: 28 set. 2019.

BARREIROS, J. **Desenvolvimento motor e aprendizagem**. 2016. Disponível em: <[http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Manuais/GrauI/GrauI-04\\_Desenvolvimento.pdf](http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/Manuais/GrauI/GrauI-04_Desenvolvimento.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2019.

BETANCOURT, F. **Capacidades motoras**. [2015?]. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/3235303/>>. Acesso em: 14 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2017a. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 9 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional – edição atualizada até março de 2017**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017b. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 14 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a. v. 1: Introdução. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9.696, de 1 de setembro de 1998b**. Dispõe sobre a regulamentação da

Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm)>. Acesso em: 16 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.

COSTA, A. L. A.; PEREIRA, V. L.; PALMA, A. P. T. V. O papel da educação física enquanto disciplina escolar. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (COMPEF), 4, Londrina, 2009. **Anais [...]**. Londrina, PR, 2009.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoacomoral12.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.

DÓRIA, D. R. A interdisciplinaridade e sua relação com a educação física escolar. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XVII; Congresso Internacional de Ciências do Esporte, IV, Porto Alegre, 2011. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/2829/1523>>. Acesso em: 14 set. 2019.

FREITAS, M. C. de. **Abordagens pedagógicas no ensino da Educação Física pós-década de 1970**. Tapejara, PR: Governo do Estado do Paraná; Secretaria de Estado da Educação do Paraná; Núcleo Regional da Educação de Cianorte; Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2148-6.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HANK, C. V. L. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. 2006. Monografia (Curso Normal Superior/Educação Infantil) – Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), 2006. Disponível em:

<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>>. Acesso em: 15 set. 2019.

KATHLEEN, M.; HAYWOOD, N. G. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar I. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 82-97, 1994. Disponível em:

<<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/ephysis/wp-content/uploads/Manoel-Edison-J.-esenvolvimento-Motor-Implica%C3%A7%C3%B5es-para-a-educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica-escolar-I.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. 6. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

MONTEIRO, L. Sofá, smartphone e videogame são mais atraentes para eles do que pedalar, bater bola, correr ou surfar. **Portal Uai E+**, 2 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/02/02/noticias-saude,201259/sedentarismo-da-nova-geracao-esta-ligado-a-tecnologia-alertam-especialistas.shtml>>. Acesso em: 28 set. 2019.

SANTANA, D. P.; COSTA, C. R. B. Educação Física escolar na promoção da saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 1, v. 10, p. 171-185, 2016.

SANTANA, E. S. A importância da educação física no desenvolvimento da criança. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, n. 12, 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDYw.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019.

SIMÕES, E. N.; MOTA, M. R. A. O espaço na Educação Infantil: indagações a partir do movimento de ampliação de vagas em uma escola pública. **Quaestio**, v. 18, n. 1, p. 309-329, 2016.

TAKIUT, A. D. (org.) O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. In: CHUDO, M. L. **Fundamentos biológicos do desenvolvimento infantil**. Curitiba: IESDE BRASIL, 2009. p. 14-31. Disponível em: <<http://www2.videolivros.com.br/pdfs/14871.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019. ZUNINO, A. P. **Educação Física: 1º ao 5º ano**. Curitiba: Positivo, 2008.

## UM ENSINO ADAPTADO PARA AULAS ONLINE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Paula Alessandra Mayer<sup>1</sup>  
Vanderlei César Kuyven<sup>2</sup>  
Fabiana Ritter Antunes<sup>3</sup>  
Eloísa de Souza Borkenhagen Bohrer<sup>4</sup>  
Cristian Leandro Lopes da Rosa<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente relato de experiência tem como centro a Educação Física. Referente aos resultados encontrados na realização do Estágio Curricular Supervisionado III foi possível identificar a partir de todas as experiências vivenciadas, os maiores desafios, os pontos negativos, como também identificar todos os conhecimentos adquiridos. Em relação às considerações finais identificamos uma amplitude de experiências desafiadoras e positivas no ensino da Educação Física durante a pandemia da Covid-19.

**Palavras - chaves:** Conhecimentos, Desafios, Experiências.

### ABSTRACT

This experience report focuses on Physical Education. Regarding the results found in the realization of the Supervised Curricular Internship III, it was possible to identify from all the experiences, the biggest challenges, the negative points, as well as to identify all the acquired knowledge. Regarding the final considerations, we identified a range of challenging and positive experiences in the teaching of Physical Education during the Covid-19 pandemic.

**Keywords:** Knowledge, Challenges, Experiences.

### INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência do Estágio Curricular Supervisionado III teve como temática três unidades didáticas, com os seguintes temas: **Ginásticas de Condicionamento Físico**, onde foi abordado a diferença entre atividade física e exercício físico, bem como também a história da ginástica de condicionamento físico.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>2</sup> Docente da Educação Básica da escola onde o estágio foi realizado.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>4</sup> Docente do Curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>5</sup> Professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário do Vale do Araguaia. E-mail: cristianlopes10@hotmail.com

O segundo tema os **Jogos Motores**, sendo abordados os jogos de mesa e tabuleiro, conhecendo seu contexto histórico, sua origem, bem como a diferença entre os jogos cooperativos e competitivos.

E o terceiro tema as **Práticas Corporais de Saúde**, com objetivo de conhecer e estimular a aquisição de hábitos higiênicos, costumes sadios e as doenças transmissíveis.

Nessa perspectiva a justificativa da escolha desses três temas foi por se tratar de conteúdos propostos pela Matriz de Referência para o Ensino Híbrido da Rede Estadual do Ensino da Escola Carlos Gaklik para ser desenvolvido no sexto ano do Ensino Fundamental, e também por serem os temas sugeridos pelo professor da turma.

Tendo em vista também que os conteúdos abrangem uma variedade de possibilidades de se trabalhar com os alunos, tanto a Ginástica de Condicionamento Físico, os Jogos Motores e as Práticas Corporais de Saúde, os quais ainda são conteúdos pouco abordados nas aulas de Educação Física nesta etapa da Educação Básica.

Referente ao diagnóstico inicial em relação ao professor de Educação Física da turma, percebe-se que ele trabalhou bastante os conteúdos desde o início do ano, quando começou a pandemia. Em relação aos planos de aula do professor, o mesmo não segue uma sequência em seus conteúdos, sendo que em cada aula aborda conteúdos diferentes, sem se aprofundar muito e ter uma continuidade.

Nota-se que ele não usa nenhum método de ensino para administrar suas aulas, apenas “passa” os conteúdos sem deixar claro os objetivos e finalidades para com cada tema. O que considera como avaliação em suas aulas, é a participação (via meet) e entrega das atividades (no classroom ou impressas na escola).

Diante de todas as mudanças forçadas pela pandemia da Covid- 19, o professor relata que teve que mudar seu planejamento, sua forma de dar aula, e que para isso precisou pesquisar muito mais para elaborar um plano de aula, coisa que antes não se fazia.

Relatou ainda, que as aulas estão sendo bem complicadas, difíceis de se lidar, o qual precisou se adaptar a novas tecnologias, sendo o uso da plataforma digital classroom, onde não tinha conhecimento algum sobre trabalhar. E até se adaptar e conseguir com que as aulas voltassem ao “normal” que tudo se ajeitasse, demorou um pouco, pois para ele é algo totalmente diferente.

## **METODOLOGIA**

Em relação à realização do Estágio Curricular Supervisionado III no Ensino Fundamental Anos Finais, foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Carlos Gaklik, localizada no município de Senador Salgado Filho - RS, por um período de dois meses e meio.

A turma escolhida para realização do Estágio Curricular Supervisionado III foi o sexto ano do Ensino Fundamental, contendo 12 alunos ao todo. Destes apenas seis possuíam acesso à internet. Para esses alunos as atividades foram realizadas de forma impressa. Já para os alunos que possuíam acesso a internet deveriam utilizar a plataforma classroom.

Em relação ao método de ensino utilizado para administrar as aulas optei por um método que se divide em três momentos. O 1<sup>a</sup> momento é baseado em questionamentos e perguntas referentes ao tema da aula. O 2<sup>a</sup> momento são as tarefas voltadas ao objetivo da aula. O 3<sup>a</sup> momento seria o fechamento final da aula, sendo que se trata de um relato sobre as aulas, do que os alunos gostaram e o que não gostaram e sobre as dificuldades encontradas durante a realização das tarefas.

A forma de avaliação utilizada foi através de observações diagnósticas, o qual foi observado o interesse dos alunos e a participação na realização das atividades nas aulas síncronas e assíncronas, bem como a entrega das atividades nas datas combinadas, sendo esse o método de avaliação da escola.

## **RESULTADOS ENCONTRADOS NA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO**

Em relação as experiências do Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física foram totalmente desafiadoras, onde foi possível primeiramente ampliar o meu leque de conhecimento sobre as ferramentas tecnológicas. Algumas já conhecia, mas não tinha segurança de sua aplicação, precisando aprender a utilizar de maneira pedagógica..

Atividades como: inserir documentos no classroom, programar os horários, realizar as chamadas do meet, gravar aulas, disponibilizar as mesmas aos alunos, etc., foram desafiadoras e necessárias para o andamento do Estágio Curricular Supervisionado III.

Todos esses conhecimentos e experiências adquiridas foram muito importantes para minha formação, sendo que hoje a realidade dos professores da educação básica é essa. Nesse sentido, um ponto que merece reflexão é poder sair de um Estágio Curricular Supervisionado III com toda essa aprendizagem e estar consciente de como funciona, cada ferramenta

tecnológica, é incrível. Essas vivências que tive a oportunidade de experienciar na escola, são hoje a meu ver a realidade de muitas escolas com a oferta do ensino híbrido.

As escolas que ainda não aderiram o uso das plataformas em suas aulas, já estão passando por formação continuada específica, para auxiliar os professores neste momento. No entanto, temos que ter em mente, que isso em algumas especificidades, acabou acarretando ou até mesmo, sobrecarregando ainda mais o professor, e ainda potencializar mais a desigualdade educacional brasileira, para aqueles alunos que não possuem acesso à internet.

Todavia, temos que pensar pelo lado positivo, aderindo a utilização dessas tecnologias em sala de aula (neste momento de pandemia da Covid -19), o professor vai efetivamente ter mais trabalho, mas a aprendizagem será mais significativa, no meu entendimento.

Em relação a tudo isso, foi possível organizar e planejar cada uma das minhas aulas de forma igual para todos os alunos, sendo para os que possuíam acesso à internet e os que não tinham acesso. Em meus planejamentos busquei oportunizar atividades onde todos os alunos pudessem realizar do mesmo jeito e não excluindo talvez, aqueles que não iriam ter algum material ou objeto.

As atividades propostas sempre pensadas para que os alunos pudessem montar em casa com os objetos que tinham, pois, entendo que em situações de ensino assim frente a uma Pandemia, o professor não pode exigir do aluno a realização da atividade com bola, se o aluno não tem em casa uma bola. Temos que propor atividades que o próprio aluno possa adaptar o material, para que por eventualidade algum aluno não tenha determinado material exigido pelo professor, poder assim adaptá-lo para realizar a atividade igual aos outros colegas.

Nessa perspectiva cada professor deve pensar e analisar a situação de cada aluno antes de propor uma atividade, sendo ela prática ou teórica, pensando já na possibilidade de um aluno não ter aquele material para realizar a atividade, e assim dessa forma pensando sua aula diferente, adaptando-a para que esse aluno também possa realizar.

Em relação ao planejamento das aulas e encaminhamento das atividades do estágio, aconteceram de duas maneiras, sendo entregues as atividades impressas para os alunos sem acesso a internet e via plataforma classroom para os alunos com acesso a internet.

As atividades eram pensadas e planejadas para um módulo de quatorze dias, onde no decorrer desses quatorze dias tínhamos sempre uma aula no google meet, onde eram feitas as explicações das atividades e para sanar as dúvidas dos alunos, essas aulas eram gravadas e disponibilizadas para os alunos. Referente a avaliação, os alunos eram avaliados pela participação e interesse na realização das atividades, bem como a entrega das atividades nas datas combinadas.

A forma como aconteceu às aulas foi algo totalmente diferente, mas que houve o envolvimento e participação da grande maioria dos alunos, sendo que ali no começo do estágio estava meio desanimada por quase não receber as atividades realizadas pelos alunos que não tinham acesso a internet, apenas dos demais alunos com acesso a internet.

Com o tempo fui percebendo que esses alunos que tinham acesso a internet, eles não entregavam as atividades na data estipulada, mas sim quando eles conseguiam vim do interior para a cidade, pois a maioria dos alunos sem acesso à internet, não possuíam nem transporte para deslocar-se até a cidade.

Analisando as atividades realizadas pelos alunos, a grande maioria gostou, pelos comentários feitos. Alguns se envolveram mais que outros, enviando fotos e vídeos das atividades práticas, e as respostas bem formuladas.

Para fazer o planejamento das atividades me colocava no lugar do aluno, pensando como um aluno naquela situação, iria gostar de realizar ou não a atividade. Essa estratégia de sempre realizar esse questionamento, funcionou muito bem.

Em relação as experiências vivenciadas no estágio e o auxílio do professor de Educação Física da escola com o estagiário, pude analisar o quanto ambos podem trabalhar juntos, com metodologias, ferramentas, possibilidades de ensino diferenciadas, para oportunizar o ensino aos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em relação à experiência do Estágio Curricular Supervisionado III em Educação Física foi totalmente diferente dos anteriores, e muito mais desafiador.

Percebi que em momentos como esse, em meio a uma Pandemia, que a tecnologia deve ser nossa aliada, mas que ainda muitos alunos não possuem acesso. Destaco ainda, que os professores também precisam se (re)adaptar, pensando para suas aulas, atividades para aqueles que vão ter acesso e aqueles que não possuem, e, assim dessa forma planejar frente a essas duas situações, para não prejudicar nenhum de seus alunos, e proporcionar o ensino e a aprendizagem igual para todos, afinal, todos tem direito a aprender.

Esse tempo de Estágio Curricular Supervisionado III fez crescer muito enquanto educadora, fez me colocar no lugar do aluno diante da situação em que o mundo vivia. Estas experiências vivenciadas surgiram como um aprendizado a mais, onde nós, futuros professores temos que estar preparados para enfrentar essas mudanças no ensino, e lidar com isso da melhor

forma possível, pensando sempre no direito desse aluno a ter oportunidades no processo de ensino e aprendizagem.

### **REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.